



Vitória Chérída
Costa Freire

Lia Machado
Fiuza Fialho

Trajetórias Investigativas:

os caminhos teóricos e
metodológicos da biografia
de Luiza Teodoro Vieira

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores

Lia Machado Fiuza Fialho | Editora-Chefe

José Albio Moreira Sales

José Gerardo Vasconcelos

CONSELHO EDITORIAL EXTERNO

Conselho Nacional Externo

Charliton José dos Santos Machado, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Emanoel Luiz Roque Soares, Universidade Federal do Recôncavo Baiano, Brasil

Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento, Universidade Tiradentes, Brasil

Jean Mac Cole Tavares Santos, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Brasil

José Rogério Santana, Universidade Federal do Ceará, Brasil

Lia Ciomar Macedo de Faria, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Maria Lúcia da Silva Nunes, Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Norberto Dallabrida, Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil

Robson Carlos da Silva, Universidade Estadual do Piauí, Brasil

Rosângela Fritsch, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Samara Mendes Araújo Silva, Universidade Federal do Paraná, Brasil

Shara Jane Holanda Costa Adad, Universidade Federal do Piauí, Brasil

Conselho Internacional

António José Mendes Rodrigues, Universidade de Lisboa, Portugal

Catherine Murphy, University of Illinois, Estados Unidos da América

Cristina Maria Coimbra Vieira, Universidade de Coimbra, Portugal

Dawn Duke, University of Tennessee, Estados Unidos da América

Hugo Heredia Ponce, Universidad de Cádiz, Espanha

Nancy Louise Lesko, Columbia University, Estados Unidos da América

Oresta López Pérez, El Colegio de Michoacán, México

Ria Lemaire, Universidade de Poitiers, França

Susana Gavilanes Bravo, Universidad Tecnológica Metropolitana, Chile

Emilie Zola Kalufuak, Université de Lubumbashi, Haut-Katanga, Congo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ

REITOR – Hidelbrando dos Santos Soares

VICE-REITOR – Dárcio Ítalo Alves Teixeira

EDITORA DA UECE

COORDENAÇÃO EDITORIAL – Cleudene de Oliveira Aragão

CONSELHO EDITORIAL

Ana Carolina Costa Pereira • Ana Cristina de Moraes • André Lima Sousa • Antonio Rodrigues Ferreira Junior

Daniele Alves Ferreira • Fagner Cavalcante Patrocínio dos Santos

Germana Costa Paixão • Heraldo Simões Ferreira • Jamili Silva Fialho • Lia Pinheiro Barbosa

Maria do Socorro Pinheiro • Paula Bittencourt Vago • Paula Fabricia Brandao Aguiar Mesquita

Sandra Maria Gadelha de Carvalho • Sarah Maria Forte Diogo • Vicente Thiago Freire Brazil

Vitória Chérída Costa Freire
Lia Machado Fiuza Fialho

Trajetórias Investigativas:

os caminhos teóricos e
metodológicos da biografia
de Luiza Teodoro Vieira



1ª EDIÇÃO

FORTALEZA-CE | 2025

TRAJETÓRIAS INVESTIGATIVAS: OS CAMINHOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS DA BIOGRAFIA DE LUIZA TEODORO VIEIRA

© 2025 Copyright by Vitória Chérída Costa Freire e Lia Machado Fiuza Fialho

O conteúdo deste livro bem como os dados usados e sua fidedignidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O *download* e o compartilhamento da obra são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores. Além disso, é vedada a alteração de qualquer forma e/ou utilizá-la para fins comerciais.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Editora da Universidade Estadual do Ceará – EdUECE
Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – *Campus* do Itaperi – Reitoria – Fortaleza – Ceará
CEP: 60714-903 – Tel.: (85) 3101-9893 – Fax: (85) 3101-9893
Internet: www.uece.br/eduece – E-mail: eduece@uece.br



Coordenação Editorial
Cleudene de Oliveira Aragão

Projeto Gráfico e Capa
Carlos Alberto Alexandre Dantas
carlosalberto.adantas@gmail.com

Revisão Vernacular e Normalização
Felipe Aragão de Freitas Carneiro
felipearagaofc@hotmail.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

F866t Freire, Vitória Chérída Costa

Trajetórias investigativas: os caminhos teóricos e metodológicos da biografia de Luiza Teodoro Vieira. Vitória Chérída Costa Freire, Lia Machado Fiuza Fialho – Fortaleza: EdUECE, 2025.

102p. il. [livro eletrônico]

ISBN: 978-65-83910-12-7

doi: <https://doi.org/10.47149/978-65-83910-12-7>

1. História da educação. 2. Biografia. 3. Metodologia biográfica.
4. Educação. 5. Freire, Vitória Chérída Costa. 6. Fialho, Lia Machado Fiuza. I. Título

CDD 370

SOBRE AS AUTORAS



Vitória Chérída Costa Freire

Licenciada em Pedagogia (2015) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Possui mestrado (2017) e doutorado (2022) em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). É professora da Rede Municipal de Educação de Fortaleza (SME).



Lia Machado Fiuza Fialho

Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Estadual do Ceará - UECE. Pesquisadora Produtividade em Pesquisa CNPQ. Pós-doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pela Universidad de Cádiz - Espanha; doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC); mestra em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (Unifor); Especialista em Inclusão da Criança Especial no Sistema Regular de Ensino pela UFC; graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora associada do Centro de Educação da UECE. Editora-chefe da Revista Educação Formação do PPGE/UECE e da Coleção Práticas Educativas da Editora da UECE (EdUECE). Líder do grupo de pesquisa Práticas Educativas Memórias e Oralidades (PEMO).



SUMÁRIO

1 PREFÁCIO ■ 9

2 APRESENTAÇÃO ■ 13

**3 O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA
BIOGRÁFICA ■ 15**

3.1 Formulações teóricas para o estudo biográfico ■ 15

3.2 Diálogo conceitual: representações sociais e de si ■ 34

**3.3 O percurso metodológico: usos da memória e da História
Oral ■ 45**

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS ■ 67

REFERÊNCIAS ■ 71





1 PREFÁCIO

2 APRESENTAÇÃO

A obra centra-se na vida de Luiza Teodoro Vieira, uma mulher negra educadora cearense que exerceu atividades ligadas à educação desde os 15 anos – como professora dos ensinos primário, secundário e superior, escritora de materiais didáticos e assessora técnica da Secretaria de Educação do Ceará.

Partindo deste problema de pesquisa: “Como a representação de si de Luiza Teodoro relacionada às suas representações sociais constituem elementos para compreendermos sua trajetória formativa e o seu perfil de referência docente?”, objetivou-se biografar Luiza Teodoro Vieira, destacando como suas representações relacionam-se à sua trajetória formativa e à constituição docente, entre 1960 e 1995.

Ancorou-se teoricamente na Nova História Cultural e nos pressupostos da Biografia Hermenêutica e metodologicamente na História Oral, a partir da qual se coletaram entrevistas livres com 11 colaboradores. Entrecruzarem-se as narrativas a fontes documentais, como fotografias, livros e entrevistas autobiográficas concedidas ainda em vida por Luiza Teodoro, publicadas no Núcleo de Documentação do Departamento de História da Universidade Estadual do Ceará, no livro *Ser professor no Brasil*, de Selva Guimarães Fonseca (1997), e na *Revista Entrevista* (1993).

Os resultados inferem que Luiza Teodoro contou com trajetória formativa diferenciada daquela percorrida por outras

mulheres cearenses de seu tempo, que, em sua maioria, sequer contaram com a oportunidade de acessar um ambiente formal de educação, seja porque precisavam trabalhar, seja porque não havia escola no entorno de onde moravam. A biografada, contudo, embora tenha iniciado a formação educacional em casa, com o pai, por residir no Centro de Fortaleza, pôde frequentar instituições educativas desse lugar, o Grupo Escolar José de Alencar e a Escola Normal Justiniano de Serpa, que eram mais prestigiadas do que aquelas de outras regiões.

A atuação docente iniciou logo após a formação no Ensino Normal, que a habilitou para lecionar no Primeiro Grau, exercício conciliado com os estudos em nível superior, no curso de História e Geografia na Faculdade Católica de Filosofia dos Irmãos Maristas, que depois passou a integrar a Universidade Estadual do Ceará. Foi professora do curso de História da Universidade Estadual do Ceará e da Universidade Federal do Ceará e nesta última constituiu o grupo “Os internos do pátio”, mediante o qual reunia alunos para partilhar experiências artísticas, produções escritas e experiências de vida, primeiro no pátio da Universidade Federal do Ceará e depois na casa de Luiza, onde aconteceram encontros até o final de sua vida.

Como mulher negra, lidou com significações particulares atinentes à autoestima, afetividade, crenças, motivações e ação como sujeito no âmbito social; como intelectual, foi reconhecida socialmente em Fortaleza, onde, em 2011, foi premiada com o Troféu Paulo Petrola e, em 2016, com a Medalha da Abolição. Até os dias atuais, possui visibilidade na história do Ceará por ter sido militante em movimentos sociais e populares, principalmente durante a ditadura militar. Dessa maneira, a constituição das representações de Luiza Teodoro, como mulher negra, professora, intelectual e militante, contribuíram para a criação de um perfil docente de referência, admirado e idealizado, devido à sua atuação nos cenários social, educacional e político.

3 O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA BIOGRÁFICA

3.1 Formulações teóricas para o estudo biográfico

Gostamos de considerar que os pesquisadores encontram os assuntos e as questões de pesquisa, já que, ao longo da história da humanidade, todas as áreas de conhecimento tiveram seus estudiosos desempenhando ensaios de diversos pontos de vista que contribuíram para a constituição do conhecimento científico.

Na historiografia, o fazer histórico assumiu diferentes formas e disputas de centralidade ao longo do tempo. É relevante considerar a contribuição de teóricos da escola de *Annales*¹, que influenciaram discussões para a ampliação de fontes, objetos, abordagens e problemas, que apresentaram críticas ao modo como se constituía a história e motivaram um rompimento com o paradigma tradicional e factual de escrita nesse campo de conhecimento. Tal compreensão não é apenas oportuna, mas essencial para entender como se sustentam teórica e metodologicamente as discussões oriundas da biografia de Luiza Teodoro.

Conduzidos por Lucien Febvre e Marc Bloch, os *Annales* se constituíram como um movimento durante o final do século XIX

¹ A *Revista dos Annales*, decorrente do movimento idealizado pelos teóricos Marc Bloch e Lucien Febvre em 1929 na França, demarca o ponto de partida para uma nova escrita da história, valorizando novas abordagens metodológicas, a história-problema e a ampliação do campo de pesquisas e temáticas.

para o século XX, a fim de combater, a princípio, o tipo de história então dominante que se voltava para os fatos de natureza política e militar e que deveriam apresentar a verdade científica através de documentos autênticos, sob pena de rejeição por parte da pesquisa histórica. Entusiasmava o grupo de historiadores dos *Annales* a construção de um campo historiográfico interdisciplinar, integrando antropologia, psicologia, geografia e economia, por exemplo, mas sobretudo associado à sociologia, considerada pelos franceses a mãe das disciplinas das ciências humanas desde a consagração dos estudos de Émile Durkheim (Vainfas, 1997).

Essa ânsia de renovação para a historiografia incentivada pelo movimento *annalista* se fortaleceu na França, tendo tido alcance em diversos países da América e da Europa (Burke, 1991). Estava clara a teoria fixada na produção da revista de *Annales*:

Em primeiro lugar, a substituição da tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema. Em segundo lugar, a história de todas as atividades humanas e não apenas história política. Em terceiro lugar, visando completar os dois primeiros objetivos, a colaboração com outras disciplinas [...]. (Burke, 1991, p. 7).

Embora os historiadores *annalistas*, em suas respectivas gerações e enfoques teórico-metodológicos, tenham contribuído com a reflexão da escrita e da pesquisa científica em História em âmbito mundial, vale ressaltar que muitos outros teóricos – franceses e não franceses sem vínculo com tal movimento, como Burckhardt, Edward Gibbon, Michelet, Fustel de Coulanges, Henri Sée, entre outros – trouxeram contribuições relevantes para a renovação da historiografia, não podendo ser invisibilizados em detrimento dos *Annales* (Vainfas, 1997).

Além das mentalidades, das crenças e costumes, das religiosidades e da organização social, outras preocupações foram

sendo incorporadas à escrita da História. Precisando acompanhar as demandas, os conflitos e os anseios de um novo tempo e de um novo homem, esta escrita passou a representar novas possibilidades, na busca por uma história mais abrangente e problematizadora. Ainda que os *Annales* e sua passagem para uma *Nova História* – com os historiadores da terceira geração desse movimento – não tenham rompido completamente com a escrita da História Tradicional, tal situação simbolizou a valorização e a ampliação de outros objetos de investigação no campo da História, o que tornou possível o desenvolvimento de estudos científicos que considerassem as subjetividades e as particularidades de grupos específicos, como, por exemplo, de mulheres e de educadoras.

De acordo com Vainfas (1997), no final da década de 1960 os historiadores franceses filiados aos *Annales* privilegiaram a história das mentalidades, na chamada *Nova História*, abrindo possibilidades de produção historiográfica relacionada aos processos mentais como objeto de investigação, além do cotidiano e das representações. Porém, o conceito de mentalidades passou por desgastes no que tange à consistência teórica e metodológica², o que levou ao seu declínio e ao direcionamento dos historiadores desse campo à organização de novos temas e problemáticas que de algum modo continuaram relacionados às mentalidades. Ou seja, reconhece-se a possibilidade de uma pesquisa centrada no sujeito ou no seu microcampo grupal, que considera as subjetividades e os sujeitos em seu microcontexto, como é o caso da biografia de Luiza Teodoro, que traz narrativas que possibilitam discutir aspectos da vida privada, da sua con-

2 Conforme Vainfas (1997), os desgastes das mentalidades deram-se pela tendência empirista nas definições de seu domínio (confusão entre campos de estudo com a problematização teórica dos objetos), oposição que estabelecia contra a história econômica e a história das ideias, preocupação com a quantificação, dentre outras problemáticas que geraram divergências entre os historiadores.

dição de mulher, de docente, de militante política, na interface com a História da Educação do Ceará.

Vainfas (1997) situa teóricos que reelaboraram o estudo das mentalidades na História por meio de microcampos ou microcorrentes, como as obras sobre a vida privada, história de gênero e história da sexualidade, por exemplo. O mesmo autor ainda considera que a história das mentalidades encontrou apoio e reformulações na História Cultural, todavia sem abandonar a concepção de ciência da História e corrigindo as falhas teóricas que macularam a corrente das mentalidades.

A *História Cultural* “[...] é praticamente rica no sentido de abrigar em seu seio diferentes possibilidades de tratamento”, além da abertura para uma diversidade de estudos, inclusive de diferentes grupos sociais (Barros, 2008, p. 55). Inicialmente, ainda na Antiguidade, a História Cultural era elitizada, pois os sujeitos e os objetos dessa abordagem estavam restritos à “alta cultura”. No entanto, após o século XX, a História Cultural alcança novos estudos e até mesmo novos domínios, como a história das ideias, a história das religiosidades e a história das mentalidades (conforme situada anteriormente, retorna com nova versão), que foram incorporados aos estudos culturais, demonstrando sua vasta possibilidade de ramificações, com seus respectivos interesses, autores e categorias teóricas.

A dimensão historiográfica no século XXI discute a noção de cultura sob múltiplos aspectos, não se restringindo apenas às produções culturais oficialmente reconhecidas – como a literatura, os trabalhos artísticos, os objetos culturais e a cultura popular, por exemplo.

Ao existir, qualquer indivíduo já está automaticamente produzindo cultura, sem que para isso seja preciso ser um artista, um intelectual, ou um artesão. A própria linguagem, e as práticas discursivas que constituem a

substância da vida social, embasam esta noção mais ampla de Cultura. (Barros, 2008, p. 57).

Considera-se como prática cultural o ato de comunicar, seja de forma oral ou escrita, a produção de um objeto cultural, práticas e processos. Importa a produção cultural que é pouco evidenciada, mas não menos importante, que está presente na vida cotidiana dos homens através da oralidade, da gestualidade corporal, do modo de ser e estar no mundo, das práticas sociais, dos discursos e narrativas.

Na concepção de Burke (2008), a ampliação dos estudos da História Cultural influenciados pela Antropologia se apresentou de forma mais eclética, o que leva esse autor a considerar que a Nova História Cultural é a forma dominante de História Cultural que praticamos nos dias de hoje. Salienta-se que a Nova História Cultural emergida a partir de 1980 como uma expansão da História Cultural apresenta novos conceitos e novas abordagens e especificidades para a constituição da escrita historiográfica, o que permite uma nova compreensão sobre as formas de fazer e de conhecer a História. Diante do subsídio dessa perspectiva de escrita da História, podemos situar um modo possível de se escrever um trabalho sobre a História da Educação, através das contribuições de tal dimensão.

Em geral, é importante ressaltar que as inúmeras correntes reconhecidas dentro da História Cultural estabelecem fortes relações interdisciplinares, de modo que a História se aproxima de outros campos de saber – como a Antropologia, a Linguística, a Psicologia, a Sociologia e a Ciência Política, por exemplo –, dialogando com elas e complementando as discussões no âmbito cultural.

Esse processo de interdisciplinaridade decorre não só da renovação específica da escrita da História, mas também das muitas transformações de ordem epistemológica e metodológica no interior das Ciências Humanas ao longo do século XX,

que começaram a se opor aos pressupostos da ciência clássica e tradicional. Cresce nesse momento o interesse pelo estudo da vida, das relações sociais e das subjetividades do homem.

A convergência da História e da Antropologia tem se dado por diversos caminhos. Historiadores ligados à corrente da História Cultural – como Burke (1991; 1992), Chartier (1990; 2001a; 2001b), Ginzburg (1987) e tantos outros – têm argumentado com ênfase sobre a importância de a História incorporar os desenvolvimentos teóricos da Antropologia, do mesmo modo que muitos antropólogos buscam fundamentos na História. No campo da História, a apropriação da idéia [sic] de cultura desenvolvida pela Antropologia contemporânea tem sido central em sua fundamentação (Burke, 1992), sobretudo como uma decorrência do interesse dos historiadores filiados a essa linha em construir uma história ‘a partir de baixo’. (Bueno, 2007, p. 490-491).

Dessa forma, a Nova História Cultural, com característica interdisciplinar de conhecimento, indica maior apreço à diversidade de fontes, enfatizando a importância de relatos orais, histórias de vida, registros e objetos pessoais diversos, a fim de compreender a constituição da cultura individual e coletiva (Bueno, 2007). Tais fontes fomentam a narrativa da biografia de Luiza Teodoro, pois utilizamos sua autobiografia, relatos orais de colegas de trabalho e ex-alunos, registros documentais de peças criminais, entrevistas e reportagens, por exemplo.

A expansão da História Cultural supera as discussões em torno dos objetos e dos processos tidos como culturais, sendo essa dimensão responsável pela ampliação de modalidades e campos de saber dentro da História, além de um vasto espaço para a formação de conceitos (Barros, 2011). Com essa interpretação, podemos considerar que a História Cultural possui objetos de estudos categorizados dentro de cinco principais

eixos como os de maior interesse pelos historiadores desde o século XX: objetos culturais, sujeitos, práticas, processos e padrões (Barros, 2008). Nessa classificação, nosso interesse está nos “sujeitos”, tanto os que produzem, como os que recebem a cultura. Além disso, são relevantes para esse eixo os sistemas educativos, a imprensa, os meios de comunicação, bem como as organizações socioculturais e religiosas, denominadas de agências, por meio das quais são produzidos e transmitidos os mais conhecidos processos de cultura.

Esclarecemos que nosso trabalho possui relação com o âmbito da Nova História Cultural, já que essa dimensão possibilitou espaço para a discussão sobre processos formativos na área da Educação e trajetórias de vida de educadoras e intelectuais. Consideramos também pertinente discutir sobre a constituição do ser professor, a mobilização de saberes, o percurso formativo e as representações de uma mulher negra educadora, em determinado contexto social historicamente delimitado, entre 1960 e 1995, como o presente trabalho se propõe.

Barros (2011) nos lembra da interconexão entre a Nova História Cultural e os estudos micro-históricos, tendo em vista a redução da escala de observação dos estudos culturais a realidades menores, a fim de compreender questões mais amplas, a partir de aspectos antropológicos e/ou sociais. Podemos considerar que o estudo aqui empreendido também possui característica micro-histórica, já que nosso objeto de observação é a vida de uma educadora, porém, ao contrário de outros estudos que utilizaram a Micro-História como uma abordagem – destacando aspectos comuns ou específicos de uma história, uma sociedade, ou uma classe social, para atingir aspectos mais amplos (como é o caso do estudo mais conhecido dessa abordagem: “*O queijo e os vermes*”³) –, a característica micro-histo-

3 A obra de Ginzburg (2006), que narra a história de um moleiro condenado e morto pela Inquisição, objetiva trazer uma reflexão sobre a cultura das classes

riográfica de nossa pesquisa está na redução da lente de observação à história de vida de uma educadora, que mantém suas relações com o contexto socioeducacional de sua época para a constituição do ser professor.

Defendemos a ideia de que toda história é social e cultural e, por isso, seria impossível reconstituir uma história de vida sem estabelecer as relações e os imbricamentos com o todo histórico, que é condicionante de representações e inferências no âmbito individual. No entanto, iremos nos ocupar das especificidades e das singularidades da trajetória formativa de Luiza Teodoro, existência única e irrepetível, que não pode ser entendida como um modelo comum, e de regra geral, dentro do contexto educacional em que viveu e atuou, em nosso recorte temporal.

Utilizaremos o gênero biográfico para reconstituir as memórias sobre a vida da educadora Luiza Teodoro de forma mais aproximada e concreta, contextualizando-a no período sócio-histórico-cultural em que viveu para possibilitar ampliar compreensões acerca da História da Educação, em especial de Fortaleza-Ceará. A biografia possibilita a compreensão do ser humano em suas diferentes vivências e conjunturas, sendo essas relações entre indivíduo e sociedade um potencial de autoformação (Josso, 2010).

Biografia, termo “[...] oriundo do grego *bios* = vida e *graphein* = escrever, inscrever, acrescido de *ia*, um formador de substantivo abstrato”, é o registro histórico que tem como objeto a história de vida de uma pessoa (BORGES, 2008, p. 204).

De acordo com Dosse (2015), escrever uma vida se constitui como um processo inacessível, porém as possibilidades de compreensão e narração são estimulantes, por isso todas as ge-

subalternas da Itália durante o século XVI, de modo a nos fazer refletir sobre as singularidades de Menocchio, que pertence a uma comunidade, mas não se assemelha a ela, porém alguns de seus traços individuais podem trazer aspectos da classe a que pertence.

rações aceitaram e desenvolveram histórias de vida. Os escritos biográficos iniciais foram identificados na Antiguidade grega e romana, no mesmo período em que nascia a História como um campo científico, divergindo, dessa forma, da memória. Portanto, contar a vida de alguém era considerado diferente de fazer uma história.

O termo 'biografia' só aparece ao longo do século XVII, para designar uma obra verídica, fundada numa descrição realista, por oposição a outras formas antigas de escritura de si que idealizavam o personagem e as circunstâncias de sua vida (tais como o panegírico, o elogio, a oração fúnebre e a hagiografia). (Loriga, 2011, p. 17).

Classificada como clássica, essa biografia destacava aspectos políticos, morais e/ou religiosos os quais as pessoas deveriam possuir (e não necessariamente eram características do biografado), servindo de exemplo para a sociedade. Foram amplamente divulgadas no mundo medieval as biografias de santos e heróis, ou seja, nos séculos XVII e XVIII, permaneceu em voga a biografia do exemplo, com as hagiografias e as crônicas, exaltando a vida não só de santos e reis como também de personagens como soldados, poetas e criminosos. Os panegíricos também são referências desse período, sendo *Vidas paralelas*, de Plutarco, e *Vida dos 12 Césares*, de Suetônio, as mais conhecidas. Além disso, os elogios fúnebres que omitiam os defeitos dos biografados foram predominantes.

Considerada por Dosse (2015, p. 124) como idade heroica, a biografia da época supracitada se mostrava como um gênero com função de identificar, isto é, era um modelo para educar: “[...] num mundo em que o indivíduo só existe por sua capacidade de encarnar um tipo, uma função social, as biografias se limitam a desenhar o retrato de personagens representativos de valores esperados nas carreiras da magistratura, do exército

e da política”. Assim, a escrita de vidas exemplares ressaltava valores, a necessidade de extrair de episódios temporais uma lição moral, a aversão a atos ruins, o afastamento de toda forma de individualização, o patriotismo e a diferenciação entre o indivíduo comum e o grande homem.

Podemos concluir que, “[...] atestada desde a Antiguidade, a biografia é, desde a origem, um gênero híbrido e compósito”, assumindo características e aproximações entre a História como campo científico e a Arte (Loriga, 2011, p. 18). A escrita biográfica, contudo, passou por diversas transformações ao longo do tempo, com estilo próprio e sem agregar regras gerais de estrutura no que se refere à descrição dos fatos e à utilização das narrativas.

O caráter híbrido do gênero biográfico, a dificuldade de classificá-lo numa disciplina organizada, a pulverização entre tentações contraditórias – como a vocação romanesca, a ânsia de erudição, a insistência num discurso moral exemplar – fizeram dele um subgênero há muito sujeito ao opróbrio e a um déficit de reflexão. Desprezado pelo mundo sapiente das universidades, o gênero biográfico nem por isso deixou fruir um sucesso público jamais desmentido, a atestar que ele responde a um desejo e ignora os modismos. (Dosse, 2015, p. 13).

Ao tempo que analisa as características e tece suas críticas sobre a baixa capacidade de reflexão do gênero biográfico tradicional, Dosse (2015) defende a ideia de que a biografia, na atualidade, é um gênero hermenêutico e holístico que depende da dimensão histórica, mas não exclui a dimensão ficcional, já que a memória seletiva do biografado e a característica imaginativa do biógrafo caminham juntas no trabalho de reconstituição da história de vida e do passado (real). A biografia de Luiza Teodoro acolhe tanto os aspectos da realidade histórica como a dimensão imaginativa e ficcional da memória dos entrevis-

tados, uma vez que estes guardam subjetividades e experiências singulares relacionadas com a biografia e com o período analisado.

O modelo tradicional de biografia foi duramente criticado e marginalizado pelo movimento dos *Annales* por ser considerado como uma escrita de cunho positivista e muito associada à literatura. As características da biografia referentes à valorização da linearidade de uma vida, bem como as preocupações pessoais (subjetivas e conservadoras), eram confrontadas pelos novos historiadores, ao modo que “[...] apenas as dimensões estruturais de longa duração seriam capazes de recuperar os grandes movimentos das sociedades em suas regularidades e permanências, escapando à superficialidade dos fatos” (Avelar, 2011, p. 140).

Na tentativa de superar o paradigma hagiográfico e heroico, emergiu uma compreensão de que os estudos biográficos deveriam empreender esforços para a compreensão dos processos coletivos e para as análises estruturais da sociedade, da política e da cultura, ou seja, o intuito era alcançar a longa duração e a totalidade dos processos históricos. Como assevera Avelar (2011, p. 141), as “[...] singularidades eram incapazes de oferecer algo além de uma apreciação superficial da realidade histórica”. Dessa forma, a biografia foi renegada por não contemplar uma narrativa do coletivo.

A autora italiana Sabina Loriga (2011) recorre às ideias de John Aubrey e Marcel Schwob, que chegam à conclusão de que a ciência histórica nos deixa na incerteza sobre os indivíduos, já que indicam maior atenção às ações gerais, enquanto a arte se coloca contra tais ações e ideias gerais, com desejo único no indivíduo, sem intenções de classificações. Assim, a fronteira existente entre a biografia e a História se mostrou tênue, dividindo opiniões entre os autores. Trazendo tal reflexão para nossa compreensão atual, consideramos válido e coerente ressal-

tar as perspectivas de ficção e de realidade, pois, num trabalho de reconstituição de uma vida, trabalhamos com as memórias dos testemunhos que viveram no mesmo período que a pessoa biografada, o que torna as narrativas sobre tal personagem passivas de imparcialidade, sentimentalismo e imaginação. Além disso, a análise documental realizada pelo(a) pesquisador(a) envolve interpretação e utilização de seu próprio filtro de subjetividades.

De acordo com Teixeira (2017), a partir do século XIX os estudos biográficos assumem caráter literário, com ênfase no mistério humano, porém com a influência do positivismo; o homem comum se apaga diante das grandes personalidades que protagonizam a história desse período. Para Loriga (2011, p. 23), no século XIX houve uma tentativa de reelaboração da biografia, entretanto os dicionários biográficos continuaram conservando as escritas enaltecidas e moralizantes:

Uma vez tornados biógrafos profissionais, muitos se põem a escrever vidas oficiais, obsequiosas e moralizantes. O resultado é dos mais decepcionantes. Enjoado pela carolice diferente que impregna muitas biografias, preocupadas em não macular a imagem e respeitabilidade social de seus mandantes [...].

Sobre essa fase, sabemos que a biografia se afasta da cientificidade e da erudição ao longo do século XIX e parte do século XX. Desprezado pela história, “[...] o gênero foi confiado, ou antes, abandonado aos mercenários da biografia, cujo êxito junto ao público só se podia comparar ao desdém de que eram alvo por toda parte da comunidade intelectual” (Dosse, 2015, p. 16). A proposta da biografia aqui apresentada, na contramão, não se propõe a narrativa da vida pela vida de Luiza Teodoro, tampouco busca uma narrativa heroica ou exemplar. Pretendemos alcançar um registro ponderado sobre a relação

existente entre a biografada e seu contexto de atuação que possibilitou a formação de suas representações e sua trajetória formativa única.

É no século XIX que há uma ascensão dos estudos do “eu”, do indivíduo, que passa a ter valor social na História. Embora a manifestação do indivíduo tenha ocorrido fortemente nos autorretratos, diários, memórias e autobiografias, conforme a História se firmava como disciplina autônoma, não se aceitava a biografia como gênero científico (Schmidt, 2003).

As pretensões históricas para com a longa duração e a totalização dos fatos foram problematizadas a partir de 1960, inclusive pelos *Annales*, que se diziam os renovadores da história, isso devido à constatação de que “[...] à história quantitativa e serial objetava-se à pouca capacidade de abarcar fatores subjetivos e ações concretas do cotidiano dos homens no espaço e no tempo” (Avelar, 2011, p. 141), além de a História de longa duração não ser suficiente para a análise das mudanças que ocorriam com maior rapidez no curso da história.

A revisão do gênero biográfico pelos *Annales* levou em consideração o papel do historiador e do biógrafo e a inter-relação entre os fatores históricos com os seus personagens, por isso ficou associada à aproximação direta da História événementielle (factual) com a biografia. Através do esforço de alguns historiadores da terceira geração dos *Annales*, a biografia passa a ser considerada como possibilidade para atingir análises macrosociais, ou seja, o gênero foi utilizado para alcançar aspectos globais/universais da sociedade por meio das trajetórias individuais.

A virada epistemológica para a compreensão do indivíduo foi ganhando centralidade de forma tímida. Inicialmente o indivíduo passa a ser identificado como um meio de acesso para a discussão de questões mais amplas. Através dessa compreensão, abre-se espaço para a biografia modal, assim:

O interesse pelo indivíduo se justifica não por sua personalidade ou vida, mas pelo que ele concentra de características coletivamente partilhadas. A partir dele, se chega ao conhecimento da realidade social, intelectual, econômica ou política de uma época, de um país ou de um grupo. Se essa forma de abordagem biográfica é importante para o estudo significativo e para a investigação da evolução de grupos em recortes temporais prolongados [...]. (Avelar, 2011, p. 142).

A biografia modal descentraliza o interesse pela singularidade, na medida em que o indivíduo só tem importância para explicar ou evidenciar seu contexto. Conforme Dosse (2015, p. 215), o estruturalismo defendido pelos *Annales* gera o eclipse da biografia, em proveito das lógicas estruturais, fazendo com que a biografia estivesse presente “[...] em doses homeopáticas”, quando “[...] ilustravam um contexto, um momento, uma categoria social”.

Diante disso, percebemos que a História Política e a biografia foram recuperadas. O retorno da biografia, após longo ostracismo, marca a valorização e a importância de se estabelecer as reações entre indivíduo e estrutura. Por consequência, a biografia histórica encontra apoio e campo fértil na micro-história, pois essa abordagem mantém “[...] a pretensão de desvendar os esquemas de organização social, suas hierarquias, práticas e valores, sem descuidar da porção de liberdade que os sujeitos possuem para agir dentro dos sistemas normativos” (Avelar, 2011, p. 143).

Nessa perspectiva de biografia histórica, as características da biografia tradicional, com heróis, fatos e cronologias superficiais, não se perpetuaram. A biografia articulada à micro-história privilegiou os personagens comuns ou pouco conhecidos, a fim de escrever o que ficou amplamente conhecido como a “história vista de baixo”.

Admitimos a compreensão de rompimento de uma identidade unitária dos indivíduos, pois defendemos que esses possuem características diversas, fragmentadas e, ao mesmo tempo, complexas, assim nos distanciamos da biografia na perspectiva da micro-história, que objetiva alcançar as singularidades ou as semelhanças comuns de um ser ou de um grupo para atingir um todo histórico. Não desprezamos, ao mesmo tempo, a relação indivíduo e contexto, mas propomos uma articulação dialética entre estes, e não a sobreposição de um ao outro.

Para Dosse (2015), a idade hermenêutica se divide em duas partes em seu livro: a primeira é classificada como a unidade dominada pelo singular, já a segunda é classificada como a pluralidade das identidades. O autor afirma compreender que os tempos atuais (a partir do século XX) sugerem uma era hermenêutica que valoriza as singularidades do homem e a reflexividade sobre elas. E é amparadas nessa compreensão que desenvolvemos o estudo biográfico de Luiza Teodoro. Consoante a defesa de Dosse (2015) pela biografia como um gênero mais reflexivo aceita o estudo do ser humano na interface com elementos de outras áreas, para além da própria História, como a Antropologia, a Sociologia, a Linguística, a Psicanálise, desenvolve-se uma biografia no campo educacional, mais especificamente na área da História da Educação.

A humanização das ciências do homem, a era da testemunha, a busca de uma unidade entre o pensar e o existir, o questionamento dos esquemas holistas, assim como a perda da capacidade estruturante dos grandes paradigmas, todos esses elementos contribuem para o entusiasmo atual pelo biográfico. (Dosse, 2015, p. 406).

A singularidade humana e sua complexidade, evidenciadas nas relações sociais, passam a ser valorizadas, tornando-se

potencialidades de estudo a partir da biografia. Dosse (2015) apresenta uma análise em torno da obra de Jean-Paul Sartre sobre a biografia de Gustave Flaubert para exemplificar como a valorização do indivíduo e os novos ideais de problematização são postos durante a idade hermenêutica. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, Sartre, ao desconsiderar sua própria essência, recorre à biografia para buscar sentido e transformação da sua própria vida a partir da história de vida de outros.

Sartre abre então, desde essa época, uma perspectiva nova e fecunda para o gênero biográfico, que porá de lado a alternativa entre elementos exteriores ao sujeito e elementos próprios à sua psicologia interior. Numa abordagem já existencialista, ele internaliza o externo e exterioriza o interno. Graças a esse método, rompe com o esquema de causalidade mecânica, que convém pouco ao gênero biográfico, e abre uma via para articular elementos singulares com a unidade de uma pessoa. (Dosse, 2015, p. 231).

Sartre inaugura um estilo de biografar que não se limita apenas à retomada do passado, mas possui aspecto projetivo e prospectivo. O valor *performático* que ele atribui à biografia demonstra a valorização do ato de refletir sobre si mesmo, enfatizando a realidade humana e a função que esta exerce. Sartre problematiza também se há traços de personalidade determinados, as dúvidas sobre a existência do destino e o papel do homem de representar alguma ideia ou situação. Ainda que se ancore na abordagem fenomenológica e existencialista, devido à sua aproximação com a corrente marxista, Sartre enfatiza como o peso das condições objetivas e históricas influenciam no curso da vida.

Por fim, Dosse (2015) levanta o seguinte questionamento: a quem Sartre se refere em sua produção, sobre seu biografado ou sobre si mesmo? E conclui seu pensamento ao afirmar: “[...]”

escrevendo Flaubert, Sartre escreve-se a si mesmo e postula, então, uma onisciência que lhe permite testar suas hipóteses hermenêuticas” (Dosse, 2015, p. 240). Salientamos que é admissível o aspecto autoformativo da escrita biográfica, assim, por meio do registro da vida de Luiza Teodoro e de sua trajetória, podemos também refletir sobre o nosso percurso, nossas escolhas e nossas experiências que nos particularizam como profissionais docentes.

Consideramos relevante exemplificar a escrita de Sartre, pois concordamos com Dosse (2015), que o elege como um dos precursores da escrita biográfica ancorada na hermenêutica e na consideração existente entre a reação do eu e do outro. Hoje já podemos compreender de forma mais clara que, quando escrevemos sobre a vida de alguém, aí está implicada também uma reflexão sobre si mesmo. Dar sentido à relação entre o eu e o outro, ou de determinado grupo, é uma forma de aprender e de se formar com a história de si e do outro. A partir de 1970, ganham espaço entre sociólogos e antropólogos as produções envolvendo memórias, testemunhos e relatos de vida, fazendo uma junção entre biografia com autobiografia (lembrando que os historiadores *annalistas* não tiveram o mesmo fascínio pelos relatos de vida nesse período, em que a biografia esteve eclipsada).

Dosse (2015) ressalta as contribuições da historiadora Sabina Loriga para destacar o indivíduo e sua singularidade no estudo biográfico, contrapondo-as às biografias que se caracterizavam por elucidar apenas o contexto social, designando a figura de uma pessoa à representação de características comuns de um grupo, a identificação, a tipos ideais, que fadava o homem a generalizações. O indivíduo deve ser compreendido a partir de suas particularidades e fragmentações, dentro da perspectiva de “biografia coral”, termo criado por Loriga em sua tese (Dosse, 2015).

Na segunda parte do livro em que Dosse (2015) discute sobre a idade hermenêutica, ele se refere exatamente às características de biografias que evidenciam a singularidade da massa dos anônimos, a experiência dos homens comuns e pequenos traços de identidade, mas essa identidade é concebida como plural e multifacetada: “[...] a identidade biográfica acha-se confrontada com a travessia do tempo e sofre nesse percurso alterações múltiplas que suscitam uma incessante alteração das linhas segundo ritmos não lineares, a partir de quebras temporais [...]” (Dosse, 2015, p. 407). Com efeito, a partir dos anos de 1980, a biografia encontra terreno fértil nas Ciências Humanas, especialmente na História. Como afirma Dosse (2015, p. 16), “[...] a biografia é reivindicada pela musa da história. Derrubando o muro, assistimos uma verdadeira explosão biográfica que se apossa dos autores e do público num acesso de febre que dura até hoje”.

Concordamos com Borges (2008, p. 207), ao mencionar que “[...] na década de 1980 falou-se de um ‘retorno’ da biografia. No campo de estudo dos historiadores, o que é por vezes apresentado como retorno não é, a meu ver, verdadeiramente um retorno”. Embora a escrita sobre figuras humanas individuais, com evidências de suas memórias e percursos vividos, não se refira a uma prática atual, defendemos que a biografia que utilizamos nesse trabalho pode ser considerada como um gênero novo, tendo em vista que as características próprias e científicas que apresenta se opõem ao movimento percorrido ao longo da história. Foram as modificações e problemáticas que acompanharam o gênero biográfico em diferentes épocas que possibilitaram uma nova compreensão de narrativa biográfica, que ora se desenvolve por intermédio da vida de Luiza Teodoro.

Consideramos que o gênero biográfico aqui desenvolvido se constitui no campo da História da Educação, onde os aspectos históricos e sociais que inferem na história de vida de Lui-

za Teodoro são tão relevantes quanto os processos subjetivos e individuais da trajetória formativa docente. Compreendemos que a biografia é não apenas fonte para a História da Educação, mas possibilidade real de uma outra narrativa histórica e, em consequência, de novas compreensões e interpretações histórico-educacionais.

Embora, em pleno século XXI, a biografia ainda encontre certo descrédito por estudiosos diante da alegação de falta de rigor científico e metodológico, Silva (2017) aponta a capacidade da biografia para novas compreensões acerca de fonte, metodologia e objetivo de investigação cientificamente bem descritas e delimitadas. Sobre isso, o historiador Schmidt (2003, p. 65) destaca que é evidente a renovação dos recentes estudos biográficos, isso ocorre “[...] quando seus autores levam em conta as críticas já feitas ao gênero, procurando integrá-las às suas preocupações”.

A biografia torna-se uma ferramenta de grande contribuição para as pesquisas na área das Ciências Humanas, já que abre perspectivas de estudos com diversas fontes (fotografias, diários pessoais, narrativas, documentos não institucionais, por exemplo), enfoques teóricos e recortes de tempo e espaço diversos, possibilitando valorizar o individual ao tempo que discute o coletivo, trabalhando com a oscilação de escala de análise, sem linearidade, numa perspectiva cíclica, alternada.

Não admitimos, pois, a ideia de que a história de vida de Luiza Teodoro faça referência à representatividade de um grupo de mulheres ou classe social, haja vista que se ajusta, por vezes, a padrões sociais e culturais e, em outros momentos, tenciona e rompe com paradigmas preestabelecidos acerca do lugar da mulher negra, da educadora ou da militante política na sociedade fortalezense. Não buscamos, com este estudo, alcançar generalizações para o período delimitado, embora acreditemos que, por mais singular que seja a vida da biografada, há sempre

pontos de congruência com sua época, devido aos códigos culturais de determinado contexto que a influenciam.

Defendemos a compreensão de que a biografia se compromete a entender os sentidos e os significados que os sujeitos atribuem às suas experiências, e estas guardam relações entre o individual e o social. Diante disso, é essencial ressaltar a relação existente entre memória e biografia, na qual se demonstram o sentimento de pertencimento e a inserção do sujeito em seu tempo histórico. Por meio da memória dos entrevistados, conseguimos fomentar discussões relativas às representações e aos elementos de identidade de Luiza Teodoro; para tanto, discutiremos esses conceitos na seção a seguir.

3.2 Diálogo conceitual: representações sociais e de si

Levando em consideração que nosso estudo trata do registro biográfico de uma educadora falecida, optamos por discutir sobre os elementos identitários de Luiza Teodoro por meio de seus relatos autobiográficos e como estes se relacionam com as representações coletivas sobre a biografada. Portanto, é necessária uma definição dos conceitos que adotamos em nossa análise.

A concepção de identidade que defendemos é a de imagem de si, cunhada na obra de Josso (2010), que, embora utilize tal conceito nos projetos de autoformação e de aprendizagem de adultos (de acordo com a existência evolutiva), ajuda-nos a pensar que a representação de si (identidade) é resultado das experiências acumuladas ao longo da vida, instituindo uma imagem para si e para os outros. Essa construção identitária se refere a uma autoimagem que é formada para ser exteriorizada no coletivo, através de ações e práticas.

Josso (2010) corrobora Delory-Momberger (2008) no que se refere à invenção de si, em que o caminho que se faz para

si relaciona-se às experiências, aos significados dados às ações do ser e estar no mundo e à (re)definição da individualidade no coletivo (a singularidade). Ao experienciar a própria vida, é possível pensar na forma como se deseja ser percebido(a) pelos outros.

A representação de si se apresenta como uma criação de uma autoimagem que se constrói, antes de tudo, na relação com o outro. Dessa forma, através de “autorreflexão” e da “autointerpretação”, o sujeito cria sua representação de si, considerando as interpretações retrospectivas (Delory-Momberger, 2008). Além disso, essa representação se faz no coletivo, sem desconsiderar o que aponta Josso (2010): as dimensões psicossomáticas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, sócio-históricas, espirituais, que se reverberam na constituição da identidade.

Construo-me, assim, na projeção do olhar do outro, na antecipação da leitura do outro. De certo modo, não paro de me escrever, isto é, de compor os efeitos de escrita que vêm, ao mesmo tempo, modelar e autenticar meu estilo, permitindo reconhecer-me a mim mesmo e ser reconhecido pelos outros. (Delory-Momberger, 2008, p. 65).

Assim, a identidade se constitui num processo constante de identificação e de diferenciação para que o sujeito consiga definir a si próprio. Ao falar sobre sua própria história de vida na obra de Fonseca (1997), por exemplo, Luiza Teodoro produziu as representações de si mesma, expondo dificuldades e circunstâncias de sua vida, como um projeto de si mesma no mundo, em determinada conjuntura sócio-histórica.

Ao utilizarmos a representação de si, buscamos compreender como Luiza Teodoro assumia suas posições de identidade e gerava processos de identificação com esta. Partindo dessa

premissa, destacamos a fluidez e a mutabilidade da identidade, que se constituiu com o outro, num campo de negociações, sem excluir também a pluralidade de posições que partem de um contexto histórico e cultural.

O movimento de identificação nos revela a dinâmica do “tornar-se” e do “ser” nos processos identitários, por isso não é nosso intuito identificar um dado ou produto final como uma imagem exata e rígida do passado, no sentido de definição, mas perceber como Luiza Teodoro formou a autoimagem que desejava projetar socialmente, de acordo com papéis sociais e práticas educativas.

A identidade é um fenômeno que só existe em relação ao outro. A formação de uma autoimagem se efetua nas transformações, embates e conciliações existentes diretamente com os outros. Assim, o outro é aquele que se difere de mim, o que falta na minha forma de ser, o que afirma de outra forma o meu ser.

Pollak (1992) propõe uma discussão envolvendo a relação entre memória e identidade. Para esse autor, a memória é um fenômeno de fundamental importância para a compreensão dos processos identitários, com a qual estamos de acordo, pois reconhecemos que a articulação entre memória, reflexão e narrativa é de grande relevância em nosso estudo para refletirmos sobre as representações (de Luiza e sobre Luiza) ao longo de sua trajetória.

A memória e a identidade, como valores em disputa, são visualizadas através das instituições sociais, políticas, educacionais e familiares. As diferentes instituições nas quais os indivíduos se inserem exercem graus de definições, autonomias e recursos simbólicos para que estes assumam seus papéis sociais, estabelecendo uma forma de representação de si, produzida em momentos específicos no tempo. Dessa forma, embora possamos nos ver, seguindo o senso comum, como sendo a “mesma pessoa” em todos os nossos diferentes encontros e

interações, não é difícil perceber que somos diferentemente posicionados, em distintos lugares, conforme variados papéis sociais que estamos exercendo (Hall, 1997 *apud* Woodward, 2014).

Ciampa (2000) propõe que o processo identitário se dá pelo sentimento de pertencimento a um lugar, espaço ou grupo e se inicia com a unificação das partes que constituem os sujeitos, mediante as relações sociais e culturais, sem perder de vista a dimensão da subjetividade. Assim, a rede em que estão integrados agentes individuais e sociais, em constante construção e desconstrução, concebe identificações (individuais ou coletivas) em processo dinâmico e mutável.

Corroborando as ideias aqui apresentadas, Woodward (2014), situando identidade e diferença através da perspectiva dos estudos culturais, acrescenta algumas características de identidade que ajudam nosso entendimento: a primeira é que a identidade é relacional; por exemplo, a minha identidade depende de algo fora dela para existir, ou seja, depende da existência de outra identidade além da minha. Sou brasileira e, portanto, não sou argentina. Assim, a diferença é reconhecida pela exclusão e pela marcação simbólica relativa a outras identidades. Porém, deve-se atentar aos problemas possíveis dentro da compreensão da identificação e da diferenciação, pois há similaridades que aproximam os grupos e os processos de definição identitários.

A segunda característica defendida por Woodward (2014, p. 10) é que a identidade é marcada por meios simbólicos e materiais: “[...] existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que a pessoa usa”. Os objetos pessoais são considerados significantes para definir identificação e diferenciação, o pertencimento a determinado grupo e a marcação de certa cultura. Desse modo, a constituição da identidade é tanto simbólica como social.

A terceira característica aponta que a identidade é histórica. É determinada em um lugar específico do tempo, em que

é possível perceber reivindicações de acordo com o passado ou até mesmo de alguma verdade imutável constituída socialmente em determinado contexto anterior. Woodward (2014, p. 13) sugere que, para abrangermos a temática da identidade, precisamos “[...] conceituá-la e dividi-la em suas diferentes dimensões”. A identidade se apresenta como resultante dos sistemas classificatórios que demonstram como as relações sociais se organizam e se dividem: grupos opostos, como “nós” x “eles”, “militantes esquerdistas” x “militares do governo” (durante a ditadura civil-militar), exemplificam esse mecanismo classificatório.

Os sujeitos assumem posicionamentos e se identificam com eles, fato que pode ser percebido através de discursos, que mesclam a dimensão simbólica com a dimensão social, para uma completa conceitualização da identidade, sem desprezar também o nível psíquico, para melhor compreensão acerca de como uma identidade é formada e mantida.

A biografia e/ou os relatos de vida se apresentam para as autoras Delory-Momberger (2008) e Josso (2010) como laboratórios de reflexão sobre as expressões e as representações de si, em que é possível extrair do todo coletivo os aspectos de individualidade e singularidade.

Mais globalmente, ainda, enquanto o essencial das ciências humanas observa a identidade no que ela se dá a ver, uma vez construída, e em suas incidências em um conjunto de situações (identidade para os outros), o conceito de formação trabalhado pela mediação de uma reflexão sobre a história de vida permite evidenciar a intimidade de uma construção que valoriza uma concepção de identidade para si, simultaneamente singular e socioculturalmente marcada. Porém, é preciso não perder de vista que essa identidade para si não é uma individualidade sem ancoragens coletivas (familiar, de

pertencas a grupos diversos com os quais todos e cada um tem uma história!). (Josso, 2010, p. 81).

Na tensão existente entre a identidade para si e a identidade para os outros, o sujeito constitui-se num processo de socialização com as ancoragens coletivas; nesse processo, é possível conceber a multidimensionalidade do próprio ser. Através dos relatos de vida, a identidade é percebida dentro desse conjunto de incidências e situações em que se projeta uma identidade para os outros (Josso, 2010).

Estudar sobre as representações e o processo formativo de uma mulher cearense educadora em determinado tempo-espaço, implica um olhar multidisciplinar sobre os aspectos (inter)subjetivos que auxiliam no entendimento da sua constituição docente. Não podemos desconsiderar a constituição do eu e a situação de auto-re-conhecimento mediante os contextos simbólicos.

Defendemos que os usos comunicativos (discursos, expressões e *performances*), que evidenciam a relação do sujeito, “eu”, com o outro, formam e até mesmo mantêm as representações de si, de modo que haja validade e reconhecimento de sua postura pelo outro. Através do outro, pode-se conceber a representação do meu “eu”, que se individualiza e, ao mesmo tempo, se socializa, mas busca afirmação nos processos intersubjetivos de aprendizagem.

Para Woodward (2014, p. 19), a cultura se apresenta como um fator condicionante que influi na formação da identidade, por dar sentido às experiências dos sujeitos numa variedade de identidades e modos específicos de subjetividade. Assim, sua ideia é congruente com a de Stuart Hall (autor que adota em sua obra para tecer suas fundamentações) ao defender que o sujeito se expressa no mundo mediante sua posição histórica e cultural.

Nas Ciências Sociais, especificamente dentro da historiografia, a dicotomia entre o estruturalismo e a filosofia do sujeito impôs para o historiador a definição de seu posicionamento nos trabalhos escritos. A História Cultural, com um projeto intelectual de diversidade para o campo da História, indica maior estima aos códigos culturais e à diversidade de objetos, formas e códigos:

[...] ao renunciar ao primado tirânico do recorte social para dar conta dos desvios culturais, a história em seus últimos desenvolvimentos mostrou, de vez, que é impossível qualificar os motivos, os objetos ou as práticas culturais em termos imediatamente sociológicos e que sua distribuição e seus usos numa dada sociedade não se organizaram necessariamente segundo divisões sociais prévias, identificadas a partir de diferenças de estado e de fortuna. Onde as novas perspectivas abertas para pensar outros modos de articulação entre as obras práticas e o mundo social, sensíveis ao mesmo tempo à pluralidade das clivagens que atravessam uma sociedade e à diversidade dos empregos de materiais ou de códigos partilhados. (Chartier, 1991, p. 177).

Para Chartier (1991), é possível – e necessária – a ascensão de elaborações teóricas com novas formas de interpretar as sociedades e seus modos de vida. Para ele, é impossível “[...] não haver prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (Chartier, 1991, p. 177).

Utilizamos nesta pesquisa a noção de representação de acordo com as formulações de Chartier (1991), a partir de suas elaborações para a Nova História Cultural, na tentativa de renunciar às imposições estruturalistas e indicando novas formas de fazer a leitura da realidade humana, que apresenta variações em seus modelos de organização, conforme o tem-

po, o lugar e os agentes envolvidos. Assim, Chartier (2002, p. 16-17) afirma que “[...] a história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”.

Chartier (1991) apresenta como proposta a tentativa de conciliação do contexto social com a diversidade possível de utilização do aparato intelectual disponível. Por isso, define o conceito de cultura como prática, sendo necessárias, para tal entendimento, as noções de representação e de apropriação. As representações são “[...] esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (Chartier, 2002, p. 17). Enquanto o uso do termo “apropriação” se refere ao objetivo de assimilar uma história social das interpretações, já que essas últimas são sociais, institucionais e culturais.

Existem muitas aplicações do conceito de representações em diferentes campos teóricos e com significados divergentes, mas, “[...] etimologicamente, ‘representação’ provém da forma latina ‘*representare*’ – fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia” (Makowiecky, 2003, p. 3). O conceito de representação é formulado por Chartier partindo de contribuições de muitos teóricos, dentre eles, Marcel Mauss, Émile Durkheim, Pierre Bourdieu e Norbert Elias.

Partindo dos pressupostos de Mauss e Durkheim, o conceito de representação considera os esquemas de classificação e delimitação, que compreende a realidade apreendida contraditoriamente pelos diferentes grupos que coexistem na organização social. Além disso, as práticas fazem emergir as identidades sociais, assumindo as variantes posições de estar no mundo, reivindicando estatuto e ordenação. Por último, são notáveis “[...] as formas institucionalizadas e objetivadas em virtude das

quais representantes (instâncias coletivas ou indivíduos singulares) marcam de modo visível e perpétuo a existência do grupo, da comunidade ou da classe” (Chartier, 1991, p. 183).

A partir da luta das representações, importa considerar: 1. A construção das identidades sociais como resultado das representações impostas pelos grupos que têm poder de classificar, nomear e definir. 2. O recorte social como tradução do crédito dado à representação que cada grupo toma para si, reconhecendo sua existência mediante demonstração de unidade (Chartier, 1991).

Através das representações, na perspectiva da Nova História Cultural, é pertinente refletir sobre as estratégias simbólicas que designam posições e relações para grupos, comunidade ou classe, e esses agentes sociais se definem e constituem suas identidades.

Consoante Makowiecky (2003), Bourdieu contribuiu com reflexões para a noção de representações quando a relacionou com as estratégias de poder, ao inferir que a formação das representações resulta de interesses e de dominações, que geram coisas ou atos relacionados às manipulações, chegando a atingir uma dimensão simbólica.

As representações de Chartier se ancoram na perspectiva de Bourdieu, complementando o repertório teórico dos autores acima mencionados, exatamente por considerar que a dominação e o poder estão sempre presentes na constituição das representações, das práticas, dos discursos e do imaginário social. Por isso, Chartier (2002) enfatiza que as representações não guardam neutralidade, ao contrário, impõem as estratégias e práticas de grupos ou indivíduos que intuem autoridade, respeito e ações que validem escolhas e posições. Nas lutas entre as diversas representações possíveis, grupos e indivíduos tentam impor aos outros suas leituras e compreensões do mundo, gerando uma série de consequências das mais diversas ordens,

fato esse que faz Chartier (1991, 2000) considerar que as disputas de representações são tão importantes para a historiografia como as lutas econômicas, por exemplo.

[...] ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou durante muito tempo uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. (Chartier, 2002, p. 17).

Apesar das críticas de historiadores (na grande maioria da História Social) que acusam as propostas de Chartier como reducionistas e com forte determinismo cultural, especialmente pela ausência de uma discussão sobre como as macroestruturas encontram forças para a sua perpetuação, percebemos que a tentativa de elaboração desse autor se destacou por tentar equilibrar os aspectos sociais com as subjetividades dos sujeitos. O debate de Chartier com os autores aqui já mencionados pretende conceber as representações coletivas na articulação destas com as instituições sociais, logo seu objetivo seria alcançar um equilíbrio entre a força ativa dos indivíduos e a dos grupos sociais.

Ainda recorrendo às ideias de Bourdieu, Chartier (2002) chama a atenção para as lutas das representações no que tange à violência simbólica, a qual depende da internalização das representações dominantes para legitimar e reconhecer (consentimento arbitrário) sua força e aplicação. Assim, entende-se que as representações não contradizem o real, mas se constituem mediante as determinações sociais que se transformam em modelos de classificação e de ordenação do mundo social, como forma de apropriação do real.

Sujeitos, grupos ou instituições que detêm poder simbólico o utilizam para induzirem novas formas de dizer ou de fazer crer so-

bre uma realidade, dessa forma possuem o controle social e manifestam sua hegemonia na relação de forças existentes, de acordo com seus interesses: “[...] daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (Chartier, 2002, p. 17). Isto é o que significam a classificação e a ordenação, pois, através da supremacia de determinada representação, há a criação de valores, normas, gostos, comportamentos e funções desempenhadas pelos indivíduos. As representações sobre o mundo, ao mesmo tempo que se colocam no lugar deste mundo, propõem a percepção humana sobre a realidade, para que os sujeitos definam sua existência e lhe proponha sentido.

Pesavento (2012) relembra que representar algo ou alguém, no sentido de substituir e de reproduzir tal imagem em determinado tempo e espaço, configura uma compreensão dupla: aquilo ou aquele que representa em relação ao(à) representado(a). Aquilo ou aquele(a) que representa se conecta ao conjunto de relações de semelhanças, expressões e características que se associa ao(à) representado(a). Dessa forma, compreende-se a representação incluindo os aspectos de identificação, classificação, exclusão e percepção. Assim, ao discutirmos sobre as representações que Luiza tinha de si aliadas às representações coletivas, aproximamo-nos de suas escolhas de identificação e de exclusão, das relações de poder estabelecidas e da constituição do seu pensar e agir na sociedade fortalezense.

Na acepção de Chartier (1991), a noção de representação construída e exemplificada a partir do Antigo Regime demonstra a possibilidade de recurso desse conceito para analisar os aspectos culturais de tal sociedade. Tomando como base a definição do *Dicionário universal*⁴ de Furetuère, a representação pode assen-
gurar dois sentidos em suas aplicações: o primeiro é fazer ver a

4 Verbete do referido dicionário de Furetuère é utilizado na obra de Chartier (1991) para apresentar os sentidos possíveis de compreensão de representação no Antigo Regime.

ausência: “[...] a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma imagem capaz de repô-lo em memória e de pintá-lo tal como é”. O segundo é o de apresentação de uma presença, seja esta uma coisa ou pessoa, através das relações simbólicas: “[...] uma relação decifrável é, portanto, postulada entre o signo visível e o referente significado” (Chartier, 1991, p. 184).

As representações de grupos ou indivíduos moldam a si próprios e aos outros, sem se afastarem do aspecto social, mas com maior ênfase às estratégias (e acrescentaríamos as experiências) que inferem sobre as relações e as posições que são atribuídas à constituição da identidade. Entendemos, contudo, a noção de representações proposta por Chartier (1991) como práticas existentes na realidade contraditória que existem para dar sentido à complexidade da realidade social. E utilizaremos a noção de representação para a compreensão da vida e da atuação de Luiza Teodoro, como agente social e histórico, produtora de sentidos em sua realidade.

Compreendemos que, através da articulação entre a representação de si (identidade) com as representações coletivas a respeito de Luiza Teodoro, podemos pensar numa nova maneira pela qual podemos ler e conhecer, tanto o recorte socioeducacional no qual viveu Luiza como suas práticas educativas e culturais que lhe garantiram o reconhecimento de um perfil docente de referência para o tempo e espaço em que atuou.

3.3 O percurso metodológico: usos da memória e da História Oral

“A necessidade de memória é uma necessidade da história.” (Nora, 1993, p. 14).

Para reconstituirmos a história de vida de Luiza Teodoro Vieira, utilizamo-nos das memórias e das narrativas das pesso-

as que conviveram com ela e que puderam indicar elementos sobre sua constituição docente. Dessa forma, como sinaliza a epígrafe, para constituir a história de vida de Luiza com o objetivo de registrar essa biografia, destacando as representações de/sobre Luiza, lançamos mão da memória de tais sujeitos. O conceito de memória está estreitamente relacionado às demais categorias deste estudo, como a biografia, as representações, a identidade e as oralidades (fontes orais).

Para Le Goff (1990, p. 423), o ato da memória de guardar acontecimentos e fatos “[...] remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. A memória abriga um repertório de reminiscências e representações que se manifestam através de oralidades, gestos, expressões e afetividades ao serem ativadas. Esse conceito, que envolve as dimensões psíquica, afetiva, física/biológica, interpessoal, social e histórica, demonstra sua complexidade.

De acordo com Nora (1993), os fenômenos de mundialização e de massificação que caracterizaram o mundo pós-industrial e a aceleração da História demonstraram total desprezo pelo passado, fazendo com que a História-memória – relacionada à arte de fazer reviver o passado e a sua preparação para o futuro – fosse ignorada a partir do século XX. Atenuou-se, portanto, a transmissão de valores por parte das instituições, o conhecimento das origens e a valorização do sagrado e dos mitos.

A História renega e critica a memória, fazendo emergir os *lugares de memória*, defendidos por Nora (1993, p. 13) como espaços onde a História-memória pode ser restituída, já que “[...] é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas porque essas operações não são naturais”. O lugar de memória é criado quando há o sentimento de inexistência da memória,

para sua criação e preservação, e tanto a memória como os lugares de memória só fazem sentido dentro da História. Assim, Dosse (2012) reinterpreto os lugares de memória como um meio-termo entre memória coletiva e História.

Embora ambas remetam ao passado, memória e História são categorias distintas. Enquanto a memória está relacionada às expressões subjetivas de quem recorda, a História pode ser compreendida como as ações humanas em determinado espaço e tempo (Magalhães Junior, 2003), que são interpretadas cientificamente, a partir de métodos específicos do campo historiográfico, para constituir uma narrativa. Utilizamos as palavras de Nora (1993, p. 9) para pontuar a diferença entre memória e História:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado.

Assim, memória e História lidam com experiências humanas num tempo e espaço; elas possuem algo em comum e se complementam. A relação entre essas categorias está entrelaçada e evidente nos discursos cotidianos. A memória carrega sentidos simbólicos; é relativa; está ligada às projeções, aos gestos, às imagens e aos objetos. Já a História é descritiva, factual e comprometida com as linearidades temporais. A memória se liga ao sagrado, ao mágico, enquanto a História é laica e permeada de criticidade. A memória é afetiva, e a História é pura interpretação de um fato, “[...] a memória pendura-se em lugares, como a história em acontecimentos” (Nora, 1993, p. 25).

Com a passagem da História das Religiões/das Tradições para a História Crítica, a memória é transformada na própria História. O sentimento de efemeridade e a tentativa de fabricação de um eterno presente contribuem para o apego aos arquivos. “Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa” foi o que Nora (1993, p. 15) afirmou em sua obra *Entre memória e História: a problemática dos lugares*. A materialização da memória é consagrada não apenas pelas grandes famílias, pela Igreja e pelo Estado, como acontecia na Antiguidade, mas pelos testemunhos da História que demonstravam vontade de registrar suas memórias, o que garantiu a constituição de grandes acervos. Além disso, historiadores ou não, intelectuais e integrantes de pequenos grupos sentiram a necessidade de (re)constituição de suas origens.

Pollak (1992) indica que os trabalhos sobre memória que tiveram notoriedade durante o século XIX com objetivo de construir uma memória nacional passaram a ser questionados e, em seu lugar, ascenderam os trabalhos com lembranças de marginalizados e de excluídos, indicando transformações na historiografia. A memória nacional que até então fora construída com intuito regulador, carregada de poder e intencionalidades, é desestabilizada pela emergência das “memórias subalternas”, que desconstróem a sua soberania.

Contra a memória nacional – opressora e influenciadora da coesão social – e descrente da concepção de que só através dessa memória nacional é possível constituir uma memória coletiva, Pollak (1989) ressalta a necessidade de valorização das memórias subalternas, que lutam por espaço e contra o esquecimento. Entre o que é possível dizer, contar e recordar e o que não pode ser dito, confessado, há uma fronteira. Esta é tensionada entre a memória coletiva da sociedade e a memória nacional, a qual o Estado deseja incutir. Pollak (1989) propõe a emersão das memórias marginalizadas como um ato político,

para que essas possam deformar e até mesmo reinterpretar o passado.

As memórias sobre Luiza Teodoro podem ser consideradas marginalizadas se levarmos em consideração suas experiências de ensino e sua atuação em grupos clandestinos especificamente durante o período da ditadura civil-militar. As oralidades apreendidas até o momento demonstram que, até certo ponto, algumas memórias emergiram para enfatizar novas versões acerca desse momento histórico.

A valorização da memória se estabelece com a necessidade de reconhecimento da multiplicação de memórias particulares e de identidades individuais. Chegamos ao ponto da discussão que é cara para a nossa proposta doutoral: a valorização do indivíduo e sua ação na História.

Deslocamento decisivo que se transfere para a memória: do histórico ao psicológico, do social ao individual, do transissivo ao subjetivo, da repetição à rememoração. Inaugura-se um novo regime de memória, questão daqui por diante privada. A psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos de memória e da relação com o passado. (Nora, 1993, p. 18).

O respeito pelo indivíduo singular, pelo eu, leva-nos à compreensão do homem-memória. A psicologia individual e a transformação historiográfica unem-se para que a memória encontre relação direta do indivíduo – no caso, Luiza Teodoro, com seu próprio passado: “[...] a atomização de uma memória geral em memória privada dá à lei da lembrança um intenso poder de coerção interior. Ela obriga cada um a se lembrar e a reencontrar o pertencimento, princípio e segredo da identidade” (Nora, 1993, p. 18).

A sociedade se reinventa novamente em seu processo de escrita histórica, da qual a memória se afasta mais uma vez para que a historicidade tenha papel central. Assim, “[...] a mudança do modo de percepção reconduz obstinadamente o historiador aos objetos tradicionais dos quais ele se havia desviado, os usuais de nossa memória nacional” (Nora, 1993, p. 21). Contudo, ainda que a historiografia em sua era epistemológica se oponha à identidade, os grupos sociais, como o das educadoras, encontram refúgio nos lugares de memória para reivindicarem seu tempo, seu espaço, suas experiências e suas significações.

Os estudos de/sobre memória de mulheres educadoras são realizados também para sanar as demandas de busca por identidade. Por isso, salientamos que D’Alessio (1998) retoma a discussão de Pierre Nora sobre a aceleração da História e afirma que a tensão existente entre o tradicional e a modernidade gera rupturas que alteram os modos de vida e de pensamento da coletividade, criando lacunas que são preenchidas por lembranças. Sendo esse o motivo de D’Alessio (2001, p. 60) ressaltar que “[...] os estudiosos da memória são praticamente unânimes em afirmar que o atual prestígio da memória se deve à aceleração do tempo na contemporaneidade e ao medo do desaparecimento das lembranças”.

A relação entre identidade e lembranças se reforça com o conceito de lugares de memória de Pierre Nora. Esses lugares existem para que os homens, com suas subjetividades e identidades, busquem formar suas memórias. Corroborando tal ideia, D’Alessio (1998) relembra que o movimento de constituição histórica utilizando a memória busca reconstituir e evidenciar as identidades ameaçadas, pois “[...] a lembrança é passado completo em sua reconstituição a mais minuciosa” (NORA, 1993, p. 15).

Para Pollak (1992), a memória pode ser considerada mutável, embora muitos fatos sejam relativamente invariantes. O

autor utiliza o exemplo de entrevistas de história de vida para demonstrar como é possível identificar muitos elementos que se tornam invariantes quando a memória age de forma solidificadora e impossibilita a mudança de certos marcos, fazendo com que tais elementos se tornem realidade. Pollak (1992) aponta três elementos que constituem a memória (individual/coletiva): acontecimentos, pessoas/personagens e lugares. Os acontecimentos referem-se àqueles momentos vivenciados pelo sujeito, seja de modo pessoalmente vivido ou vividos “por tabela”, quando o acontecimento pertence a determinado grupo e, mesmo sem participação direta, faz parte do seu imaginário com grande importância. Os acontecimentos vividos por tabela influem diretamente na constituição da memória herdada.

Da mesma forma como os acontecimentos, o segundo elemento constituinte da memória relaciona-se com a experiência propriamente dita ou “por tabela”: sujeitos que vivenciaram acontecimentos pessoalmente, indivíduos que compartilharam a vivência de determinados fatos com outros personagens e, por último, personagens que participaram de tal acontecimento por tabela. De todo modo, a memória é constituída por pessoas (Pollak, 1992).

Além dos acontecimentos e das pessoas, existe o terceiro elemento que faz parte da construção das memórias, que é o lugar. Podemos considerar os lugares que estão intimamente interligados a uma lembrança, que independe do tempo cronológico.

Os três elementos apontados por Pollak (1992) estão relacionados aos agentes que influenciam e são influenciados, geram e são geradores de fatos concretos ou ainda de projeções destes. Além das projeções para com acontecimentos, pessoas/personagens e lugares, há projeções dos “vestígios da memória”, que são fixados como datas/marcos de um acontecimento na inter-relação entre o privado e o público. As transferências de marcos pessoais para a vida pública demonstram a possibili-

dade da memória de se estabelecer ou até mesmo de se sobressair na cronologia oficial.

Compreendemos que, para reconstituir a história de vida de Luiza Teodoro, iremos trabalhar com as memórias acerca dela, destacando os aspectos de seletividade e de negociação das memórias evidenciadas pelos entrevistados. Dessa forma, não podemos desconsiderar a mutabilidade e as disputas da memória, o esquecimento e o esforço consciente e inconsciente de recordar sobre a personagem biografada. Assim, as preocupações em torno da construção da história de vida no aspecto público e individual revelam a memória como um fenômeno construído: a memória em nível individual grava, esquece, exclui e se constrói num trabalho constante de organização (Pollak, 1992).

A constituição da representação de si se dá na relação com o outro, assim como as representações se produzem em referência com os outros, dessa forma é de fundamental importância levar em consideração a aceitação, a negociação e a credibilidade das pessoas que se habilitam a falar sobre Luiza Teodoro; “Que vontade de memória relatam os entrevistados sobre Luiza?”. Essa foi uma pergunta que fizemos quando iniciamos a escolha dos entrevistados. Tal escolha se deu de forma quase espontânea, já que descobrimos que Luiza Teodoro não possuía nenhum familiar vivo para compor a elaboração de uma teia de relações que pudesse nos aproximar dela.

Dessa forma, após conversa informal com o professor Francisco Carlos Araújo Albuquerque, da Universidade Estadual do Ceará (UECE), descobrimos que uma grande amiga de Luiza Teodoro – Guaraciara Barros Leal – trabalhava nessa mesma instituição, fato que nos levou ao seu encontro para apresentação do projeto e convite de colaboração; buscamos o contato telefônico dela e agendamos um encontro para a apresentação de nossa proposta de estudo.

Na ocasião da entrevista com a professora Guaraciara Barros Leal, foi possível ter acesso a outros participantes, como os amigos José Albano e Izaíra Silvino e os ex-alunos Eduardo Loureiro e Francisco Emanuel (conhecido como Manu Kelé). A partir desses primeiros entrevistados, conseguimos contatar também: Mardônio, Otaviano, Pastores Nascimento e Samuel Munguba Junior (concederam entrevista *on-line*), Eduardo Diathay (que solicitou *e-mail* com apresentação da proposta de trabalho, mas não respondeu ao convite) e Fabiano Piúba (que não participou da pesquisa).

Através de busca pelas redes sociais e ajuda de amigas da UECE, contatamos Silva Helena (concedeu entrevista *on-line*), Socorro Braga (concedeu entrevista presencial em sua residência) e Adelaide Gonçalves (não encontrou tempo em sua agenda para entrevista). Esses sujeitos que aceitaram contribuir com a escrita da biografia educacional de Luiza Teodoro apresentaram suas memórias dos momentos vivenciados com nossa biografada e fizeram emergir as representações sobre Luiza nos âmbitos pessoal, docente e militante.

Os entrevistados demonstraram um comprometimento em narrar sobre suas lembranças com Luiza e, inclusive, alguns se empenharam em romper silenciamentos existentes na história dessa mulher, especialmente sobre sua militância durante o período de ditadura militar no Ceará. Muito embora, sobre esse mesmo momento histórico, parte dos entrevistados preferiu guardar silêncios e suas razões de existir, provavelmente pelo envolvimento de pessoas públicas. Cabe-nos interpretar tais lembranças e esquecimentos, sem desconsiderar também que “[...] a memória oral tem seus desvios, seus preconceitos, sua inautenticidade” (Bosi, 2003, p. 18).

Percebemos que, quando os amigos de Luiza reconheceram que a história de vida dessa educadora poderia cair no esquecimento, eles preferiram contar e preservar suas lembranças.

ças, mesmo com algumas ressalvas no que tange à militância da biografada.

Faz-se necessário aqui estabelecer a relação existente entre memória e História Oral, que permeará toda a produção deste trabalho. A memória escolhe acontecimentos no espaço e no tempo, sendo a narrativa que mostra a complexidade de tais acontecimentos que são capturados no presente, sobre um passado que não se reconstitui de forma integral (Bosi, 2003). Assim, a fonte oral é a ferramenta de acesso às memórias; exige interpretação rigorosa da articulação existente entre a vida individual e coletiva dos homens com a História.

A História Oral recorre à memória como principal fonte para subsidiar e sustentar as narrativas que irão constituir o documento final, que é a própria fonte histórica elaborada. Através da História Oral, memórias individuais e/ou coletivas passam pelo crivo de pesquisadores que objetivam interpretá-las e ressignificá-las.

Conforme já discutido no tópico anterior, as transformações ocorridas no campo historiográfico motivaram discussões sobre o papel e a validade das fontes históricas, pois a escrita acadêmica e científica (dessa área), considerada como a História Oficial, constituía-se quase que exclusivamente por documentos escritos. Através da profissionalização do ofício do historiador no século XIX, além dos registros e das fontes orais, foi rejeitada também a memória, em detrimento dos fatos.

A tradição oral estava relacionada ao passado recente das comunidades sem escrita ou ainda das classes populares, e suas ações e práticas muitas vezes questionadas, sendo possível identificar uma hierarquia das fontes, dos objetos e das problemáticas analisadas pela historiografia.

Na acepção de Ferreira (1998), o desenvolvimento das fontes orais se deu fora da comunidade dos historiadores. Somente após o reconhecimento do papel do sujeito na História

e da abertura para novas temáticas envolvendo as vinculações com o contexto social foi que a História Oral começou a conquistar espaço:

Na virada dos anos 70 e no decurso da década de 80 registraram-se transformações expressivas nos diferentes campos da pesquisa histórica: incorporou-se o estudo de temas contemporâneos, revalorizou-se a análise qualitativa, resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. (Ferreira, 1998, p. 6).

Com as mudanças sociais e tecnológicas ao longo do século XX e consequentemente com as modificações em relação ao arquivamento de fontes que compunham os registros históricos, percebe-se uma abertura aos documentos sonoros e aos depoimentos narrados, por exemplo, além de fotografias, monumentos, obras de arte, etc. Nesse momento, conquista espaço a comunicação oral, que se transforma em fonte oral, o que favorece a revisão e não exclusividade dos documentos escritos e a valorização das fontes orais, no intuito de complementar lacunas documentais e até mesmo proporcionar novas interpretações para os fatos historiados ao longo do tempo. A oralidade conquista cada vez mais espaço com a *história do tempo presente*⁵, “[...] portadora da singularidade de conviver com testemunhos vivos que sob certo aspecto condicionam o trabalho do historiador” (Ferreira, 1998, p. 7).

-
- 5 Ganha centralidade a partir de 1980 a denominada História do tempo presente, que se configura como um novo campo da História, abrindo espaço para o estudo do passado recente e/ou do presente, sobre aspectos importantes da política, da cultura e do indivíduo histórico na sua relação com o âmbito social, a partir de testemunhos vivos que possam guardar ou contestar fatos obtidos pelo pesquisador (Alberti, 2008; Ferreira, 1998).

Adotamos a utilização da História Oral como metodologia, pois, a partir de projeto científico pré-elaborado – com problemática, relevância, objetivos, fases de devolutiva social e arquivamento bem definidos – e com um conjunto de procedimentos, estamos conseguindo criar fontes para a interpretação da realidade histórica na qual viveu e atuou nossa biografada. Assim, com a ajuda de meios eletrônicos, a História Oral “[...] consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (Alberti, 2008, p. 155).

Podemos resumir a História Oral como uma metodologia que possibilita a produção de conhecimento e de fontes dentro do movimento da História, considerando a relação dos indivíduos com o espaço, tempo, memória e subjetividades. De acordo com Delgado (2010), a memória envolve a feitura dos depoimentos orais relacionados às variáveis temporais, topográficas, individuais e coletivas.

Embora tenha sido desprezada pela História por longo período, a oralidade sempre foi utilizada pelo homem para narrar e reconstituir fatos ocorridos em épocas passadas. Assim, Alberti (2008) relembra um pouco o percurso da História Oral até sua consolidação como metodologia: na Antiguidade clássica, os historiadores gregos, Heródoto, Tucídides e Políbio, serviam-se da oralidade para descrever e registrar suas guerras e conquistas territoriais; já no século XX, a publicação *The Polish Peasant in Europa in America*, com a história de vida de imigrantes poloneses nos Estados Unidos. Essas experiências são consideradas as precursoras da História Oral.

No ano de 1948, temos a invenção do gravador à fita e concomitantemente o início da fase moderna da História Oral, com a criação do primeiro programa de História Oral, Columbia University Oral History Research Office. Essa primeira experiência organizada com a metodologia da História Oral reuniu entrevistas

com as principais personalidades com reconhecimento na vida pública nos Estados Unidos. A expansão da História Oral pelos países da Europa e da América detinha-se à coleta de testemunhos dos chefes após o período de guerras e de revoluções. Percebe-se que “[...] esse primeiro ciclo de expansão do que se chamou de história oral privilegiou o estudo das elites e se atribuiu a tarefa de preencher as lacunas do registro escrito através da formação de arquivos com fitas transcritas” (Ferreira, 1998, p. 4).

O gravador portátil se aperfeiçoa na década de 1960 e favorece a coleta de entrevistas com membros de grupos sociais que não tinham como registrar suas histórias de vida e suas experiências. Essa fase ficou conhecida como História Oral Militante, caracterizada por “dar voz” às minorias, já que o intuito dos pesquisadores era se contrapor ao movimento americano, que privilegiava o estudo das elites.

[...] as lutas pelos direitos civis, travadas pelas minorias de negros, mulheres, imigrantes etc., seriam agora as principais responsáveis pela afirmação da história oral, que procurava dar voz aos excluídos, recuperar as trajetórias dos grupos dominados, tirar do esquecimento o que a história oficial sufocara durante tanto tempo. (Ferreira, 1998, p. 4).

A partir de 1970, com maior visibilidade e aceitação como metodologia, a História Oral Militante desponta em diversos trabalhos e estudos, havendo uma tentativa de adequar essa oralidade militante para a acadêmica. De acordo com Alberti (2008), há alguns pontos divergentes sobre a expressão “história vinda de baixo”, pela qual a História Oral Militante estava responsável por reconstituir: o engano de acreditar que a entrevista em História Oral já configurava a própria História e o questionamento sobre o caráter democrático atribuído aos relatos das histórias “de baixo” e/ou “de cima”. Dessa forma, a autora nos alerta para os cuidados

ao utilizar tal expressão. Embora seja compreendida como uma fase, percebemos que a História Oral Militante ainda é amplamente utilizada nas pesquisas acadêmicas atuais (Freire, 2017).

Durante a década de 1970, pesquisadores europeus e americanos realizam diversos eventos, produções escritas e debates acerca da utilização da História Oral, bem como os padrões para a coleta e o tratamento das entrevistas. A História Oral se amplia de forma gradativa internacionalmente até a sua chegada ao Brasil em 1970 e a sua crescente expansão nos anos de 1990.

Não há dúvida de que a possibilidade de registrar a vivência de grupos cujas histórias dificilmente eram estudadas representou um avanço para as disciplinas das Ciências Humanas. Mas seu reconhecimento só foi possível após amplo movimento de transformação dessas ciências, que, com o tempo, deixaram de pensar em termos de uma única história ou identidade nacional, para reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades em uma sociedade. Alguns anos se passaram até que as potencialidades do novo método fossem aceitas e incorporadas às práticas acadêmicas. Essa resistência se deveu, em parte, à própria forma como eram realizadas as pesquisas que utilizavam a História oral. (Alberti, 2008, p. 158).

A metodologia da História Oral não se restringiu ao domínio dos historiadores – que inclusive apresentou forte resistência a ela, como enfatiza Ferreira (1998) –, mas se difundiu para as demais Ciências Sociais. A História Oral possui caráter multidisciplinar com auxílio teórico de diferentes disciplinas, como a Antropologia, a História, a Sociologia e a Psicologia, por exemplo, em que a evidência oral é assumida numa construção de percepções acerca das experiências humanas nas quais a oralidade tem seu valor.

Assim, o crescimento e a consolidação da História Oral são marcas das décadas de 1980 e 1990 no Brasil, “[...] entretanto, o que ela pretende atualmente é mostrar sua potência, sua riqueza, suas dúvidas, seus problemas, seus desafios e seus resultados” (Lozano, 2006, p. 18). A oralidade favorece ao homem uma aproximação maior com o entendimento de sua cultura e de sua esfera simbólica/subjetiva.

A história do tempo presente passou a valorizar análises qualitativas, relatos orais de pessoas e de experiências coletivas, sobre determinada conjuntura histórica e social. Hoje já é generalizada a concepção de que fontes escritas também podem ser subjetivas e de que a própria subjetividade pode se constituir em objeto do pensamento científico. Surgiram novos objetos, e os historiadores passaram a se interessar também pela vida cotidiana, pela família, pelos gestos do trabalho, pelos rituais, pelas festas e pelas formas de sociabilidade – temas que, quando investigados no “tempo presente”, podem ser abordados por meio de entrevistas de História Oral.

Para Alberti (2008), a possibilidade de acessar experiências e modos de vida diversos faz da História Oral uma metodologia rica e fecunda, capaz de demonstrar a existência de histórias dentro da História, além de fazer refletir sobre as estruturas hierárquicas presentes na historiografia. A mesma autora ainda exemplifica que:

Outros campos nos quais a História oral pode ser útil são a História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a História política, entendida não mais como História dos ‘grandes homens’ e ‘grandes feitos’, e sim como estudo das diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse; o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos,

profissões, religiões etc.; Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes, as camponesas etc., podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; História de instituições, tanto públicas como privadas; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e História da memória. Este último campo é, sem dúvida, aquele ao qual a História oral pode trazer contribuições mais interessantes. No início, grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente às ‘distorções’ da memória, ao fato de não se poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade. Hoje considera-se que a análise dessas ‘distorções’ pode levar à melhor compreensão dos valores coletivos e das próprias ações de um grupo. (Alberti, 2008, p. 166).

Assim, a História Oral apresenta possibilidades de constituição de fontes, ampliação de elementos para as análises históricas, visibilidade de grupos menos evidenciados na História Oficial, reconhecimento de novas histórias dentro do discurso oficial, revelação da pluralidade e polaridade de memórias em disputa. Outra característica é a de evidenciar a singularidade através da História Oral e de uma história de vida, a qual destaca Thompson (1992). Dentro da pesquisa qualitativa, a História Oral se insere como uma metodologia que busca evitar conceitos e pressupostos que generalizam as experiências humanas, já que seu objetivo é fornecer alternativas peculiares/individuais dos processos coletivos.

Por intermédio da História Oral, é possível constituir um processo duplo de acesso: ao passado, sobre a época revisitada pelos entrevistados, e ao presente, de onde parte a produção das entrevistas da pesquisa. Logo:

O passado espelhado no presente reproduz, através de narrativas, a dinâmica da vida pessoal em conexão com processos coletivos. A reconstituição dessa dinâmica,

pelo processo de recordação, que inclui ênfases, lapsos, esquecimentos, omissões, contribui para a reconstituição do que passou segundo o olhar de cada depoente. (Delgado, 2010, p. 16).

Por isso, a memória, a temporalidade e a oralidade se interligam num movimento de vida individual e o tempo da história, o público e o privado, o real e o imaginário. A natureza da matéria-prima da oralidade relacionada à memória, recordações e demais aspectos subjetivos indica as dificuldades que muitos pesquisadores apontam durante seu manuseamento científico, porém são esses mesmos elementos que tornam o trabalho com a História Oral, no espaço e tempo presente, como uma inovação temática e metodológica.

A oralidade pode contribuir com interpretações qualitativas dentro do âmbito histórico-social, sendo as experiências dos indivíduos valorizadas pelo fato de oferecerem diferentes concepções e “versões” para as interpretações históricas. Dessa forma, concordamos que “[...] fazer história oral significa, portanto, produzir conhecimentos históricos, científicos, e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos outros” (Lozano, 2006, p. 18).

Meihy e Holanda (2007) apontam os principais passos para a realização de uma pesquisa com a metodologia da História Oral, que são: elaboração do projeto, gravação das entrevistas, tratamento das entrevistas (transcrição; textualização e transcrição; validação), análise, arquivamento e devolutiva social. Através das orientações propostas por esses autores, traçamos o percurso metodológico de nossa investigação.

O primeiro semestre do curso de doutorado, no ano de 2018, foi destinado a ajustar e definir os elementos constitutivos do projeto de pesquisa proposto. A partir do segundo semestre do ano de 2018 e início do ano de 2019, iniciamos o processo de procura por entrevistados(as).

A realização da primeira entrevista aconteceu no dia 20 de setembro de 2018 com a professora Guaraciara Barros Leal. Após o aceite de participação de entrevista e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), iniciamos o processo de gravação de sua oralidade. Ela se prontificou a mediar o contato com os demais entrevistados, após recordar que fazia parte de um grupo de amigos que haviam estado à frente da organização da festa de aniversário de 80 anos de Luiza Teodoro. Mediante esse primeiro contato, realizamos o total de cinco entrevistas, de acordo com o Quadro 1.

Quadro 1 – Lista das entrevistas coletadas

Entrevistas coletadas			
Entrevistado(a)	Relação com a biografada	Data e local da entrevista	Duração da entrevista
Guaraciara Barros Leal	Amiga	20 de agosto de 2018, Fortaleza-CE	48h11min
Eduardo Loureiro	Ex-aluno	28 de setembro de 2018, Fortaleza-CE	01h
Manu Kelé	Ex-aluno	01º de fevereiro de 2019, Fortaleza-CE	50h08min
Izaíra Silvino	Amiga	01º de fevereiro de 2019, Fortaleza-CE	49h28 min
José Albano	Amigo	01º de fevereiro de 2019, Fortaleza-CE	01h12min
Otaviano	Ex-aluno	14 de outubro de 2021, entrevista <i>on-line</i>	1h
Socorro Braga	Ex-aluna	16 de novembro de 2021, Fortaleza-CE	52min
Mardônio	Ex-aluno	14 de janeiro de 2022, entrevista <i>on-line</i>	1h10min
Maria Helena	Amiga	17 de janeiro de 2022, entrevista <i>on-line</i>	1h30min
Pastor Munguba Junior	Amigo	15 de janeiro de 2022, entrevista <i>on-line</i>	55min
Pastor Nascimento	Amigo	15 de janeiro de 2022, entrevista <i>on-line</i>	02h

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

As entrevistas livres em história de vida não seguiram roteiro estruturado, mas direcionamos nossas perguntas por blo-

cos, como: a vida, a relação familiar, a formação docente e a atuação profissional e militante de Luiza. Realizamos as gravações das entrevistas e, em seguida, a transformação da fonte oral de forma literal para o documento escrito, tendo sido a transcrição validada pelos entrevistados. Seguimos as fases de textualização, que se referem à discussão das entrevistas com apoio teórico, e de transcrição, que significa retirar as perguntas e palavras repetidas e corrigir os erros gramaticais para melhorar a qualidade de compreensão da entrevista. Seguimos com as fases de validação das entrevistas e de análise do material coletado que contribuíram com a presente produção.

Além das fontes orais, encontramos fontes documentais importantes para nosso estudo, pois “[...] a relação história oral e pesquisa documental é bidirecional e complementar. Ambas fornecem simultaneamente subsídios e informações à outra, tornando o processo de construção de fontes orais extremamente desafiante e rico” (Delgado, 2010, p. 24). Fonte oral e fonte documental devem ser cruzadas para a melhor reconstituição de uma história de vida.

Visitamos o Acervo Público do Ceará, onde tivemos acesso aos dados de processos e fichas criminais de Luiza Teodoro durante o período histórico de ditadura militar. Encontramos no Núcleo de Documentação Cultural (Nudoc) da Universidade Federal do Ceará (UFC), Departamento de História, o áudio e a transcrição da entrevista com Luiza Teodoro realizada em 11 de outubro de 2002 para o Projeto Memorial da Educação Cearense. As demais fontes documentais foram cedidas pelos entrevistados, como entrevistas, livros e *e-book*.

O isolamento social e as medidas sanitárias de prevenção que restringiram a entrada em acervos e em instituições em decorrência da pandemia mundial da Covid-19 nos anos de 2020 e 2021 impossibilitaram a procura de fontes documentais para a contextualização das instituições de ensino em que Luiza Teo-

doro estudou (como o Grupo Escolar José de Alencar) e ensinou (Agapito dos Santos e Visconde do Rio Branco). Nosso aporte ficou restrito às produções disponíveis na internet, que evidenciaram a escassez de estudos sobre as referidas instituições.

As produções escritas de Luiza Teodoro (exemplares de livros didáticos), documentação pessoal, fotografias, dentre outros registros que enriqueceram esta biografia foram cedidos pelos entrevistados, que autorizaram o uso nesta pesquisa, conforme o termo de autorização.

Segue adiante o Quadro 2 com as fontes documentais encontradas, que contribuíram para a constituição da pesquisa; não foram arroladas as fotografias cedidas pelos entrevistados.

Quadro 2 – Fontes documentais

Fonte documental	Tipo de documento	Local
SALGADO, José Ronaldo Aguiar. Um certo planeta Luiza. <i>Revista Entrevista</i> , Fortaleza, n. 4, p. 1, fev. 1993	Entrevista	Acervo do entrevistado Eduardo Loureiro (ex-aluno)
<i>E-book – Luiza te adoro: 80 anos em 80 páginas</i>	Livro de homenagem	Acervo do entrevistado Eduardo Loureiro (ex-aluno)
FONSECA, Selva Guimarães. <i>Ser professor no Brasil: História Oral de vida</i> . 2. ed. Campinas: Papyrus, 1997	Livro	Acervo de Vitória Chérída Costa Freire
<i>O livro da professora</i>	Livro didático	Acervo da entrevistada Guaraciara Barros Leal
Ficha criminal de Luiza Teodoro na Delegacia de Ordem Política e Social (Dops)	Ficha criminal	Arquivo Público
Dados sobre a cidadã Luiza Teodoro na Dops	Ficha criminal	Arquivo Público
<i>Prontuário dOs internos do patiO</i>	Coletânea de poesias	Acervo do entrevistado Eduardo Loureiro (ex-aluno)

Documento com temas que resultaram da reunião do Conselho de Orientação do Ensino Religioso do Ceará (Conoerce) em 1998	Documento/ Ata	Acervo do entrevistado Francisco Nascimento
Convite à Luiza de Teodoro Vieira para a solenidade de entrega da Medalha da Abolição (2017)	Convite	Acervo do entrevistado Francisco Nascimento
Livro produzido por Luiza Teodoro e Guaraciara Barros Leal sobre Educação Ambiental para a rede municipal de ensino de Fortaleza	Livro didático	Acervo da entrevistada Guaraciara Barros Leal
<i>Um certo planeta azul</i>	Livro didático	Acervo da entrevistada Guaraciara Barros Leal

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A entrevista com Luiza Teodoro no ano de 1993, na *Revista Entrevista*, menciona grande parte de sua trajetória formativa e profissional, evidenciando as instituições nas quais Luiza estudou ou foi professora. A educadora responde a perguntas a respeito da escolha pela docência, da relação familiar com os pais e a avó e de como se deu sua atuação militante nos movimentos estudantis e sociais da Igreja Católica.

O *e-book* de 80 anos reúne histórias, depoimentos e homenagens para Luiza Teodoro por ocasião da comemoração de seus 80 anos de idade. Esse documento é relevante por demonstrar que a teia de relações de Luiza dava-se entre amigos e ex-alunos. Após a morte dos pais, da avó e da empregada que a acompanhou durante muitos anos, Luiza não tinha familiares (ou não conhecia/convivia), nem companheiros afetivos.

Na obra de Selva Guimarães Fonseca, Luiza Teodoro narra em primeira pessoa a sua história de formação na área educacional, com alguns elementos sobre o seu contexto familiar, sobre as perseguições sofridas durante a ditadura civil-militar e sobre como se percebia como profissional docente (ressalta o

envolvimento interpessoal com os alunos e com o ato de ensinar como uma missão).

O *livro da professora* foi uma primeira elaboração de Luiza para a orientação de professores do ensino primário no Ceará durante os anos iniciais da década de 1960. Essa produção tinha como direcionamento o currículo experimental para as escolas, do qual Luiza também participava da comissão proponente. Esse trabalho foi interrompido quando se consolidou a ditadura civil-militar.

O intercruzamento das fontes documentais, imagéticas e orais tornou possível a análise sobre as representações da professora Luiza Teodoro entre os anos de 1960 e 1985, direcionando a reconstituição biográfica dessa mulher que representa uma figura de importantes contribuições para o panorama educativo cearense.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de biografar Luiza Teodoro Vieira destacando como suas representações estão relacionadas à sua trajetória formativa e à constituição docente, entre as décadas de 1960 e 1995, desenvolvemos uma pesquisa do tipo biográfica, amparada teoricamente na Nova História Cultural e na metodologia da História Oral, cujas principais fontes foram os relatos autobiográficos deixados por Luiza Teodoro e a narrativa de onze entrevistados que conviveram com a educadora.

Luiza Teodoro foi uma mulher negra educadora cearense que viveu durante 86 anos na cidade de Fortaleza e foi considerada um ícone para a educação cearense, por isso inquietou-nos responder como a representação de si de Luiza Teodoro, relacionada às suas representações sociais, constitui elemento para compreendermos sua trajetória formativa e o seu perfil de referência como docente.

Luiza Teodoro foi uma educadora que teve uma origem familiar simples, mas com a característica diferencial de acessar e de apreciar, dentro do próprio lar, as artes, como a música e a literatura. Do seu pai herdou a intelectualidade; da sua mãe herdou a habilidade com o magistério; e da avó paterna herdou a cultura sertaneja. Desse núcleo familiar a biografada reivindi-

cou para si as representações de intelectual (livre pensadora) e professora (mas não tão simplória como a mãe).

Numa sociedade exigente e absorvida pela cultura patriarcal, Luiza Teodoro nunca casou e não teve filhos, mas, ao longo de sua atuação como professora, constituiu uma estrutura familiar diferenciada, caracterizada pelo vínculo com ex-alunos e amigos que se tornaram seus novos parentes. Seus ex-alunos formaram um movimento de artistas, Os internos do pátiO, que perdurou durante muitos anos, o qual consistia em reuniões para cantar, ler poesias e criar produtos culturais.

A biografada desenvolveu toda a sua trajetória educacional em instituições públicas, recebeu ensino primário no Grupo Escolar José de Alencar, ensino secundário e normal na Escola Normal Justiniano de Serpa e ensino superior na Faculdade Católica de Filosofia dos Irmãos Maristas – que depois passou a integrar a Universidade Estadual do Ceará (UECE). Apesar de sua formação em História e Geografia, sua visibilidade como educadora se deu pela atuação nos cursos de formação da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (Cades) durante a década de 1960, juntamente com Lauro de Oliveira Lima; no Movimento de Educação de Base (MEB), como alfabetizadora, utilizando o Método Paulo Freire (educador de quem foi amiga) e, em seguida, na Assessoria Técnica da Secretaria da Educação do Estado do Ceará (Seduc-CE), no desenvolvimento de materiais didáticos destinados à alfabetização. Luiza também atuou na Prefeitura de Fortaleza e no Conselho de Educação, elaborando material didático e resoluções normativas para a educação.

Como professora dos níveis primário e secundário, Luiza Teodoro atuou na Escola Visconde do Rio Branco, como servidora estadual, mas também desenvolveu trabalhos pedagógicos em instituições privadas: no Colégio Capistrano de Abreu, no Ginásio Agapito dos Santos e no Colégio Christus. As experiên-

cias formativas aproximaram Luiza Teodoro de algumas figuras públicas que contribuíram com a sua constituição profissional.

Com Lauro de Oliveira, aprendeu a desenvolver a teoria *piagetiana*, que estava adentrando o contexto educacional com os pressupostos da Escola Nova. Ao lado de Paulo Freire e com o seu método de alfabetização, Luiza Teodoro contribuiu com o movimento de educação popular, que expressava uma pedagogia não hegemônica de formação da conscientização humana.

Como mulher negra, enfrentou situações de discriminação e de racismo de forma velada. Pelos relatos autobiográficos analisados, pudemos identificar um processo de negação de sua negritude, bem como de dificuldade de aceitação e amor a si própria.

Concluimos que as vivências de Luiza Teodoro nos movimentos de juventude católica: Juventude Estudantil Católica (JEC) e Juventude Universitária Católica (JUC) e posteriormente a atuação na Ação Popular (AP) e no MEB incutiram-lhe uma nova ideologia, que aliava o cristianismo da libertação com a perspectiva marxista. Mais tarde, sua atuação nos referidos movimentos lhe causou perseguições, durante o período da ditadura militar cearense.

Consideramos que as perseguições sofridas durante a ditadura militar foram resultantes da sua participação em grupos considerados de esquerda, porém Luiza não reivindicava a identificação de comunista para si. Em seus relatos autobiográficos, ela se distanciou da representação de comunista e de figura política, inclusive negando a participação em política estudantil, fato controverso que nos chamou a atenção.

Ressaltamos que a prática docente de Luiza Teodoro em nível superior no curso de História da Universidade Federal do Ceará (UFC) – como os ex-alunos que integraram esta pesquisa mencionaram – estava relacionada ao ensino da arte e da cultura geral. Sua compreensão de ensino partia da concepção

humanista e integral, que não se limitava à processos rígidos de exposição de aulas, metodologias e avaliações. O acesso à literatura e às viagens e o saber acumulado da prática docente e da militância política garantiram as representações de Luiza Teodoro como professora de referência e como intelectual na cidade de Fortaleza, mesmo que esta educadora possuísse a singularidade de não ter realizado cursos de pós-graduação.

A partir dos relatos autobiográficos deixados por Luiza Teodoro, inter cruzados com as narrativas coletadas nesta pesquisa, constatamos que as representações em torno da biografada criaram uma ideia de professora de referência, pela atuação em escolas públicas e privadas, pela sua identificação como artista, pela sua atuação em defesa da escola pública, pela militância em movimentos de esquerda. O perfil de Luiza é respeitado e idealizado por seus ex-alunos e amigos, que a consideram como uma profissional complexa e admirável.

Este estudo não apresentou as contribuições de Luiza Teodoro na Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, o que reconhecemos ser uma lacuna se considerarmos as atividades públicas desenvolvidas pela biografada nesse setor, mas também reconhecemos que este estudo abre possibilidades de evidenciar a trajetória de uma mulher negra educadora que deixou seu legado educacional através de características singulares, num processo dialético que influenciou e foi influenciado pelos momentos históricos, os interesses e os conflitos sociais de sua época.

Nossa interpretação histórica buscou demonstrar a importância de compreender historicamente as representações de uma mulher negra, professora, intelectual e militante, que atuou ativamente no tecido social fortalezense entre 1960 e 1995.

REFERÊNCIAS

ALBANO, J. *Entrevista realizada pela autora com José Albano em 01º de fevereiro de 2019*. Fortaleza, 2019.

ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. (org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 155-202.

ALBUQUERQUE, R. F. *A igreja católica no processo de formação da classe trabalhadora*. 2012. 263 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ALMEIDA, G. M. A. *Mulheres beletistas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935*. 2012. 356 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

ALMEIDA, J. S. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Unesp, 1998.

ANDO, L. M. *Lauro de Oliveira Lima e a Escola Secundária: um estudo de sua produção intelectual ao longo de sua trajetória profissional (1945-1964)*. 2015. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2015.

ARANHA, M. L. A. *História da educação e da Pedagogia*: Geral e Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARANTES, A. *Alma em fogo*: memórias de um militante político. São Paulo: Anita Garibaldi, 2013.

ARAÚJO, G. C. Arte e estética na educação: uma dimensão epistemológica. *Revista Humanidades*, San José, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2021.

ARAÚJO, H. L. M. R. *A tradicional Escola Normal Cearense chega ao bairro de Fátima*: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960). 2014. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

AVELAR, A. S. Figurações da escrita biográfica. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 13, n. 22, p. 137-155, 2011.

BARROS, C. M. P. *O lugar do educando (outro) na atuação e formação do educador bacharel áltero (Eu)*. 2017. 316 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

BARROS, J. D. B. A Nova História Cultural: considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, v. 12, n. 16, p. 38-63, 2011.

BARROS, J. D. B. *O campo da História*: especialidades e abordagens. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BATISMO DE SANGUE (Filme). Direção: Helvécio Ratton. Produção de Helvécio Ratton e Simone Magalhães. Brasil: Downtown Filmes, 2006.

BAUMWORCEL, A. As escolas radiofônicas do MEB. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. *Anais [...]*. Niterói: UFF, 2008.

BELLO, J. L. P. *Lauro de Oliveira Lima: um educador brasileiro*. 1995. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1995.

BEZERRA, V. P. “*Porque se nós não agir o pudê não sabe se nós isiste nu mundo*”: o MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960-1980). 2008. 221 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BOBBIO, N. *Os intelectuais e o poder*. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 1997.

BORGES, V. P. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, C. B. (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 203-223.

BOSI, E. *Tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê, 2003.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.

BRAGA, S. *Entrevista realizada pela autora com Socorro Braga em 16 de novembro de 2021*. Fortaleza, 2021.

BRASIL. *Lei de 15 de outubro de 1827*. Manda crear escolas de primeiras letras em todas as cidades, villas e logares mais populo-

sos do Império. Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 – primeira parte. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional 1878, p. 71-73.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e as Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 27 dez. 1961.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

BUENO, B. O. Entre a Antropologia e a História: uma perspectiva para a etnografia educacional. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 2, p. 471-501, 2007.

BURKE, P. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989*. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1991.

BURKE, P. *O que é História Cultural?*. Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Portal Geledés*, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>. Acesso em: 23 jan. 2022.

CARVALHO, S. O. C. *Irmã Maria Montenegro: atuação educacional empreendida em Fortaleza, Ceará (1945-1987)*. 2018. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, 2018.

duação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

CAVALCANTE, M. M. D. *et al.* A dimensão ontológica da didática como campo de conhecimento: uma reflexão acerca do ensino, seu objeto em situação. In: CARVALHÊDO, J. L. P. *et al.* (org.) *Produção de conhecimento na Pós-Graduação em Educação no Nordeste do Brasil: realidades e possibilidades*. Teresina: UFPI, 2016. p. 107-126.

CEARÁ. Resolução nº 404/2005. Dispõe sobre a disciplina Ensino Religioso a ser ministrada no ensino fundamental, nas escolas da rede pública do Sistema de Ensino do Estado do Ceará, e dá outras providências. *Diário Oficial do Estado*, Fortaleza, 15 set. 2005.

CHARTIER, R. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

CHARTIER, R. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 5, p. 173-191, 1991.

CIAMPA, A. C. *A estória do Severino e a história da Severina*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

COSTA, J. R. *Os jornais em marcha e as marchas da vitória nos jornais: a imprensa e o golpe civil-militar no Ceará (1961-1964)*. 2015. 157 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

D'ALESSIO, M. M. Intervenções da memória na historiografia: identidades, subjetividades, fragmentos, poderes. *Projeto História*, São Paulo, n. 17, p. 269-280, 1998.

D'ALESSIO, M. M. Memória e historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação. *História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*, São Paulo, n. 4, p. 55-71, 2001.

D'ARAUJO, M. C.; SOARES, G. A. D.; CASTRO, C. *Visões do golpe: 12 depoimentos de oficiais que articularam o golpe militar de 1964*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

DEL PRIORE, M. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

DELGADO, L. A. N. *História Oral: memória, tempo, identidades*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DIÁRIO do Nordeste. Personalidades recebem mais alta comenda do CE. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/metro/personalidades-recebem-mais-alta-comenda-do-ce-1.1727403>. Acesso em: 20 set. 2017.

DIAS, R. B. Sob o signo da revolução: a experiência da ação popular no Paraná. *Diálogos*, Maringá, v. 3, n. 1, p. 377-381, 2017.

DÍAZ, O. R. T. A atualidade do livro didático como recurso curricular. Tradução de Maria Susley Pereira. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v. 17, n. 34, p. 609-624, 2011.

DOSSE, F. História do tempo presente e historiografia. Tradução de Silvia Maria Fávero Arend. *Tempo e Argumento: Revista do Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis*, v. 4, n. 1, p. 5-22, 2012.

DOSSE, F. *O desafio biográfico: escrever uma vida*. Tradução de Gilson Cardozo de Souza. 2. ed. São Paulo: USP, 2015.

DREIFUSS, R. A. 1964: a conquista do Estado: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DUARTE, H. V. *A Ação Popular e a questão humanista: das origens cristãs ao marxismo (1963-1973)*. 2010. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

FANON, F. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2008.

FARIAS, J. A. *Além das armas: guerrilheiros de esquerda no Ceará durante a ditadura militar (1968-1972)*. 2007. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

FÁVERO, O. MEB – Movimento de Educação de Base primeiros tempos: 1961-1966. In: ENCONTRO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2004, Évora. *Anais [...]*. Évora: UV, 2004.

FÁVERO, O. *Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966)*. Campinas: Autores Associados, 2006.

FERREIRA, M. M. História Oral: um inventário das diferenças. In: FERREIRA, M. M. et al. (org.). *Entre-vistas: abordagens e usos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 1-12.

FGV. *Aliança Libertadora Nacional*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-tematico/acao-libertadora-nacional-aln>. Acesso em: 10 jan. 2022.

FIALHO, L. M. F.; CARVALHO, S. O. C.; NASCIMENTO, L. B. S. Memórias de Maria Helena da Silva: licenciatura em Pedagogia em tempos de ditadura (1966-1970). *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 28, n. 1, p. 320-341, 2021.

FIALHO, L. M. F.; DÍAZ, J. M. H. Maria Zelma de Araújo Madeira: memórias de formação e resistências da docente universitária negra. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 20, n. 65, p. 775-796, 2020.

FIALHO, L. M. F.; LIMA, A. M. S.; QUEIROZ, Z. F. Biografia de Aída Balaio: prestígio social de uma educadora negra. *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 23, p. 48-67, 2019.

FIALHO, L. M. F.; SÁ, É. C. V. Educadora Henriqueta Galeno: trajetória de uma literata feminista (1887-1964). *História da Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 55, p. 169-188, 2018.

FIALHO, L. M. F.; SANTOS, H. F.; FREIRE, V. C. C. Biografia da professora Raquel Dias Araújo: um olhar sobre a docência universitária e a militância política. *History of Education in Latin America*, Natal, v. 3, e20562, 2020.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, F. G. A.; NASCIMENTO, L. B. S. Biografia da educadora Josete Sales: reflexos da formação de professoras no Ceará. *Roteiro*, Joaçaba, v. 45, p. 1-22, 2020.

FIALHO, L. M. F.; SOUSA, N. M. C.; DÍAZ, J. M. H. Rosa Maria Barros Ribeiro: memórias da trajetória formativa para docência. *Revista Cocar*, Belém, n. 8, p. 371-387, 2020.

FICO, C. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n. 47, p. 29-60, 2004.

FONSECA, S. G. *Ser professor no Brasil: História Oral de vida*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

FRAGOSO, D. A. B. *O rosto de uma Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982.

FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 45. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

FREIRE, V. C. C. *Maria Luiza Fontenele: educação e inserção política*. 2017. 150 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

FREITAS, M. T. A. (org.). *Memória de professoras: História e Histórias*. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

GAMBOA, S. S. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. 2. ed. Chapecó: Argus, 2012.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. *Questões de método na construção da pesquisa em Educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição (1939)*. Tradução de Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GIRÃO, R. *Evolução histórica cearense*. Fortaleza: BNB, 1985.

GOMES, N. L. *O Movimento Negro educador: saberes construídos na luta por emancipação*. Petrópolis: Vozes, 2017.

GONZÁLEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira: uma abordagem político-econômica. In: RODRIGUES, C.; BORGES, L.; RAMOS, T. R. O. (org.). *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Funarte, 2016. p. 399-416.

GONZÁLEZ, L. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GORENDER, J. *Combate nas trevas: a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1990.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HEBLING, M. C. *Memória e resistência: os professores no contexto da ditadura civil-militar (1964-1985)*. 2013. 234 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

HOOKS, b. *Olhares negros: raça e representação*. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

HOOKS, b. *Vivendo de amor*. Tradução de Maísa Mendonça. Portal Geledés, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. Acesso em: 24 jan. 2022.

JOSSO, M.-C. *A experiência de vida e formação*. Tradução de José Cláudio e Júlia Ferreira. 2. ed. Natal: UFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

KELÉ, M. *Entrevista realizada pela autora com Manu Kelé em 01º de fevereiro de 2019*. Fortaleza, 2019.

KILOMBA, G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

LE GOFF, J. *O imaginário medieval*. Lisboa: Estampa, 1994.

LEAL, G. B. *Entrevista realizada pela autora com Guaraciara Barros Leal em 20 de agosto de 2018*. Fortaleza, 2018.

LIMA NETO, F. Betinho e as ONGs: sociogênese de uma nova militância. *Sociologias*, Porto Alegre, v. 21, n. 51, p. 306-331, 2019.

LIMA, A. M. S.; FIALHO, L. M. F.; SANTANA, J. R. *A escola como locus de higiene no Ceará (1930-1960)*. Fortaleza: UFC, 2015.

LOPES, A. P. C. “Uma ascensão lenta, mas sem abalos”: modernidade, reforma e progresso na instrução pública piauiense na primeira república. In: CAVALCANTE, M. J. M. (org.). *História e memória da educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002. p. 67-75.

LORIGA, S. *O pequeno x: da biografia à história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LOUREIRO, E. *Entrevista realizada pela autora com Eduardo Loureiro em 28 de setembro de 2018*. Fortaleza, 2018.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 371-403.

LÖWY, M. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

LOZANO, J. E. A. Prática e estilos da pesquisa na História Oral contemporânea. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.

MAGALHÃES JUNIOR, A. G. De Eva a Maria: os ideais de formação católica feminina na primeira metade do século XX no Brasil. In: CAVALCANTE, M. J. M. (org.). *História e memória da educação no Ceará*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002. p. 77-92.

MAGALHÃES JUNIOR, A. G. *Vigilância, transgressão e “punição”*: memórias de ex-alunas de escolas católicas de formação de educadoras (1964-1969). 2003. 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

MAKOWIECKY, S. Representação: a palavra, a ideia, a coisa. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, Florianópolis, v. 57, p. 1-30, 2003.

MARDÔNIO. *Entrevista on-line realizada pela autora com Mardônio em 14 de janeiro de 2022*. Fortaleza, 2022.

MEIHY, J. C. B.; HOLANDA, F. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO, F. E. *A cultura cívica na educação cearense (1963-1973): na tapeçaria da história, entre o “Livro da Professora” e os festejos à pátria e ao progresso*. 2006. 209 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 3, p. 681-693, 2006.

MOURA, M. G. S. M.; VASCONCELOS, V. O. Vozes de estudantes de escolas radiofônicas: uma experiência de educação popular no Maranhão/MA. *Cadernos da Fucamp*, Monte Carmelo, v. 18, n. 33, p. 105-121, 2019.

MUNGUBA JUNIOR, S. *Entrevista on-line realizada pela autora com Samuel Munguba Junior em 15 de janeiro de 2022*. Fortaleza, 2022.

NASCIMENTO, F. *Entrevista on-line realizada pela autora com Francisco Nascimento em 14 de janeiro de 2022*. Fortaleza, 2022.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

NUDOC. *Entrevista com Luiza de Teodoro*. Projeto Memorial da Educação Cearense. Fortaleza: UFC, 11 out. 2002.

OLIVEIRA, J. A V. Uma cidade em construção: modernidade, cotidiano e imaginário na Fortaleza de finais do século XIX e princípios do século XX. *Revista Espacialidades*, Natal, v. 2, n. 1, p. 1-31, 2009.

OLIVEIRA, R. N. N. *A igreja católica no Pirambu: as relações de poder presentes no discurso da Teologia da Libertação e da Renovação Carismática Católica (1968-1986)*. 2014. 225 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

OTAVIANO. *Entrevista on-line realizada pela autora com Otaviano em 14 de outubro de 2022*. Fortaleza, 2022.

PACHECO, A. C. L. *Mulher negra: afetividade e solidão*. Salvador: UFBA, 2013.

PAULO NETTO, J. *Pequena história da ditadura brasileira (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2014.

PEREIRA, A. S. M.; SOUSA, A. C. B.; FIALHO, L. M. F. Helena Potiguara: biografia da educadora indígena (1954-2009). *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. esp. 3, p. 1386-1403, 2021.

PESAVENTO, S. J. *História e História Cultural*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. (org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, A. História Oral como gênero. *Projeto História*, São Paulo, v. 22, p. 9-36, 2001.

REVISTA Entrevista. Entrevista com Nildes Alencar Lima, 15 jun. 2009. *Revista Entrevista*, Fortaleza, p. 75-89, 2009.

RIBEIRO, A. I. M. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, E. M. T.; FARIA FILHO, L. M.; VEIGA, C. G. (org.). *500 anos de educação no Brasil*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 79-94.

SÁ, É. C. V. *Educadora Henriqueta Galeno: biografia de uma literata e feminista (1887-1964)*. 2018. 108 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2018.

SAFFIOTI, H. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.

SALGADO, J. R. A. “Um certo planeta Luiza”. Entrevista com a professora Luiza Teodoro Vieira. *Revista Entrevista*, Fortaleza, n. 4, p. 25-39, 1994.

SANTOS, T. R. S. Se avexe não. Intérprete: Tássia dos Reis Santos. In: SANTOS, T. R. S. *Outra esfera*. Rio de Janeiro: Tássia Reis, 2016. (3:43 min).

SAVIANI, D. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, D. Política educacional brasileira: limites e perspectivas. *Revista de Educação PUC*, Campinas, n. 24, p. 7-16, 2008.

SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. 8. ed. São Paulo: Autores Associados, 2003.

SCHMIDT, B. B. Biografia e regimes de historicidade. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 3, p. 57-72, 2003.

SILVA, H. *Entrevista on-line realizada pela autora com Helena Silva em 17 de janeiro de 2022*. Fortaleza, 2022.

SILVA, J. M. 1964: golpe midiático-civil-militar. 9. ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

SILVA, R. F. História e biografia: relações de sentidos e possibilidades. In: NUNES, M. L. S. *et al.* (org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: UECE, 2017. p. 118-131.

SILVINO, I. *Entrevista realizada pela autora com Izaíra Silvino em 01º de fevereiro de 2019*. Fortaleza, 2019.

SOFIATI, F. M. O novo significado da “opção pelos pobres” na Teologia da Libertação. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 215-234, 2013.

SOIHET, R. História das mulheres. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

SOUSA PINTO. Instrução pública primária no Ceará. Regime Colonial – Regime Monárquico – Regime Republicano. Fortaleza: *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, p. 63-110, 1939.

SOUSA, F. G. A. *Irmã Elisabeth Silveira: história e memória de uma freira educadora cearense (1943-1968)*. 2019. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

SOUSA, J. M. *Sistema educacional cearense*. Recife: MEC, 1961.

SOUZA, L. A. G. As várias faces da Igreja Católica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 77-95, 2004.

SOUZA, R. F. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX: ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

TEIXEIRA, M. M. Reflexões e possibilidades sobre uma outra escrita (auto)biográfica. In: NUNES, M. L. S.; TEIXEIRA, M. M.; MACHADO, C. J. S.; ROCHA, S. R. (org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: UECE, 2017. p. 118-131.

TIBURI, M. *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

THOMPSON, P. *A voz do passado: História Oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIBUNA do Ceará. Câmara homenageia a professora Luiza Teodoro Vieira. *Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://tribunadoceara.uol.com.br/noticias/fortaleza/camara-homenageia-a-professora-luiza-teodoro-vieira/>. Acesso em: 20 set. 2017.

VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (org.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 189-241.

VIERA, L. T. *Um certo planeta azul*. Fortaleza: Seduc, 1987.

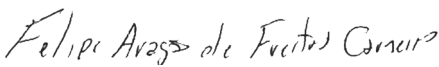
VILLA, M. A. *Jango: um perfil (1945-1964)*. São Paulo: Globo, 2004.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

DECLARAÇÃO DE REVISÃO DO VERNÁCULO

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado¹, foi procedida a correção gramatical e estilística do livro intitulado **Trajetórias investigativas: os caminhos teóricos e metodológicos da biografia de Luiza Teodoro Vieira**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Ortográfico Lusófono, vigente desde 1º de janeiro de 2009.

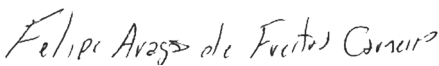
Fortaleza-CE, 26 de abril de 2025.


Felipe Aragão de Freitas Carneiro

DECLARAÇÃO DE NORMALIZAÇÃO TÉCNICA

Declara-se, para constituir prova junto à Coleção Práticas Educativas, vinculada à Editora da Universidade Estadual do Ceará (EdUECE), que, por intermédio do profissional infra-assinado, foi procedida a normalização técnica do livro intitulado **Trajetórias investigativas: os caminhos teóricos e metodológicos da biografia de Luiza Teodoro Vieira**, razão por que se firma a presente declaração, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos das normas vigentes decretadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Fortaleza-CE, 26 de abril de 2025.


Felipe Aragão de Freitas Carneiro

¹ Número do registro: 89.931.

COLEÇÃO PRÁTICAS EDUCATIVAS

01. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente infrator no Brasil: breve contextualização histórica*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 105 p. ISBN: 978-85-7826-199-3.
02. VASCONCELOS, José Gerardo. *O contexto autoritário no pós-1964: novos e velhos atores na luta pela anistia*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 63 p. ISBN: 978-85-7826-211-2.
03. SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchôa (org.). *Educação e saúde: um olhar interdisciplinar*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 212 p. ISBN: 978-85-7826-225-9.
04. SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula (org.). *Golpe de 1964: história, geopolítica e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 342 p. ISBN: 978-85-7826-224-2.
05. SILVA, Sammia Castro; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Capoeira no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 156 p. ISBN: 978-85-7826-218-1.
06. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; PETIT, Sandra Haydée; SANTOS, Iraci dos; GAUTHIER, Jacques (org.). *Tudo que não inventamos é falso: dispositivos artísticos para pesquisar, ensinar e aprender com a sociopoética*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 488 p. ISBN: 978-85-7826-219-8.
07. PAULO, Adriano Ferreira de; MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo; MARQUES, Janote Pires; LIMA, Jeimes Mazza Correia; VIEIRA, Luiz Maciel Mourão (org.). *Ensino de História na educação básica: reflexões, fontes e linguagens*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p.
08. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; PAZ, Sandra Regina (org.). *Políticas, currículos, aprendizagem e saberes*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 381 p. ISBN: 978-85-7826-245-7.
09. VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *História e práticas culturais na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 229 p. ISBN: 978-85-7826-246-4.
10. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edison Silva; SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Teologia, História e Educação na contemporaneidade*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 160 p. ISBN: 978-85-7826-237-2.
11. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério (org.). *Biografia de mulheres*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 163 p. ISBN: 978-85-7826-248-8.
12. MIRANDA, José da Cruz Bispo de; SILVA, Robson Carlos da (org.). *Entre o derreter e o enferrujar: os desafios da educação e da formação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 401 p. ISBN: 978-85-7826-259-4.
13. SILVA, Robson Carlos da; MIRANDA, José da Cruz Bispo de (org.). *Cultura, sociedade e educação brasileira: teceduras e interfaces possíveis*. Fortaleza: EdUECE, 2014. 324 p. ISBN: 978-85-7826-260-0.

14. PETIT, Sandra Haydée. *Pretagogia: pertencimento, corpo-dança afrodescendente e tradição oral africana na formação de professoras e professores – contribuições do legado africano para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 253 p. ISBN: 978-85-7826-258-7.
15. SALES, José Albio Moreira de; SILVA, Bruno Miguel dos Santos Mendes da (org.). *Arte, tecnologia e poéticas contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 421 p. ISBN: 978-85-7826-262-4.
16. LEITE, Raimundo Hélio (org.). *Avaliação: um caminho para o descortinar de novos conhecimentos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 345 p. ISBN: 978-85-7826-261-7.
17. CASTRO FILHO, José Aires de; SILVA, Maria Auricélia da; MAIA, Dennys Leite (org.). *Lições do projeto um computador por aluno: estudos e pesquisas no contexto da escola pública*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 330 p. ISBN: 978-85-7826-266-2.
18. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2015. 269 p.
19. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CACAU, Josabete Bezerra (org.). *Juventudes e políticas públicas*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 247 p. ISBN: 978-85-7826-298-3.
20. LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 245 p. ISBN: 978-85-7826-296-9.
21. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 145 p. ISBN: 978-85-7826-293-8.
22. SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena; CAVALCANTE, Maria Marina Dias (org.). *Didática e prática de ensino na relação com a sociedade*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 213 p. ISBN: 978-85-7826-294-5.
23. CAVALCANTE, Maria Marina Dias; SALES, José Albio Moreira de; FARIAS, Isabel Maria Sabino de; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Didática e prática de ensino: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade*. EdUECE, 2015. 257 p. ISBN: 978-85-7826-295-2.
24. VASCONCELOS, José Gerardo; RODRIGUES, Rui Martinho; ALBUQUERQUE, José Cândido Lustosa Bittencourt de (org.). *Contratualismo, política e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 73 p. ISBN: 978-85-7826-297-6.
25. XAVIER, Antônio Roberto; TAVARES, Rosalina Semedo de Andrade; FIALHO, Lia Machado Fiuza (org.). *Administração pública: desafios contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 181 p.
26. FIALHO, Lia Machado Fiuza; CASTRO, Edilson Silva; CASTRO, Jéssyca Lages de Carvalho (org.). *(Auto)Biografias e formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 229 p. ISBN: 978-85-7826-271-6.
27. FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; MARTINHO RODRIGUES, Rui (org.). *História, literatura e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 299 p. ISBN: 978-85-7826-273-0.

28. MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano; ARAÚJO, Fátima Maria Leitão (org.). *Ensino & linguagens da História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 371 p. ISBN: 978-85-7826-274-7.
29. NUNES, Maria Lúcia da Silva; MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS, Larissa Meira de (org.). *Diálogos sobre Gênero, Cultura e História*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 175 p. ISBN: 978-85-7826-213-6.
30. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade II*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 471 p. ISBN: 978-85-8126-094-5.
31. MARINHO, Maria Assunção de Lima; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (org.). *Economia, políticas sociais e educação: tecendo diálogos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-317-1.
32. FIALHO, Lia Machado Fiuza; MACIEL, Francisco Cristiano Góes (org.). *Polifonia em juventudes*. Fortaleza: EdUECE, 2015. 234 p. ISBN: 978-85-7826-299-0.
33. SANTANA, José Rogério; BRANDENBURG, Cristine; MOTA, Bruna Germana Nunes; FREITAS, Munique de Souza; RIBEIRO, Júlio Wilson (org.). *Educação e métodos digitais: uma abordagem em ensino contemporâneo em pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 214 p. ISBN: 978-85-7826-318-8.
34. OLINDA, Ercília Maria Braga de; SILVA, Adriana Maria Simião da (org.). *Vi-das em romaria*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 438 p. ISBN: 978-85-7826-380-5.
35. SILVA JÚNIOR, Roberto da (org.). *Educação brasileira e suas interfaces*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 158 p. ISBN: 978-85-7826-379-9.
36. MALOMALO, Bas'ilele; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain (org.). *Cá e acolá: pesquisa e prática no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 238 p.
37. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Assistência à criança e ao adolescente "infrator" no Brasil: breve contextualização histórica*. 2. ed. Fortaleza: EdUECE, 2016. 112 p. ISBN: 978-85-7826-337-9.
38. MARQUES, Janote Pires; FONSECA, Emanuelle Oliveira da; VASCONCELOS, Karla Colares (org.). *Formação de professores: pesquisas, experiências e reflexões*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 194 p. ISBN: 978-85-7826-407-9.
39. SILVA, Henrique Barbosa; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; CARVALHO, Alanna Oliveira Pereira (org.). *A democratização da gestão educacional: criação e fortalecimento dos Conselhos Municipais de Educação no Ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 144 p. ISBN: 978-85-7826-367-6.
40. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; OLIVEIRA, Roberta Lúcia Santos de (org.). *Estudos em educação: formação, gestão e prática docente*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-433-8.
41. SILVA JÚNIOR, Roberto da; SILVA, Dogival Alencar da (org.). *História, políticas públicas e educação*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 183 p. ISBN: 978-85-7826-435-2.
42. VASCONCELOS, José Gerardo; ARAÚJO, Marta Maria de (org.). *Narrativas de mulheres educadoras militantes no contexto autoritário brasileiro (1964-1979)*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 104 p. ISBN: 978-85-7826-436-9.
43. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade III*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 456 p. ISBN: 978-85-7826-437-6.
44. PORTO, José Hécio Alves. *Escritos: do hoje & sempre poesias para todos momentos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 124 p. ISBN: 978-85-7826-438-3.

45. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues; BRANDENBURG, Cristine (org.). *Educação, memórias e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 179 p. ISBN: 978-85-7826-452-9.
46. FIALHO, Lia Machado Fiuza; TELES, Mary Anne (org.). *Juventudes em debate*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 355 p. ISBN: 978-85-7826-453-6.
47. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SANTOS, Geórgia Patrícia Guimarães dos; CAVAIGNAC, Mônica Duarte (org.). *Educação em debate: reflexões sobre ensino superior, educação profissional e assistência estudantil*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 243 p. ISBN: 978-85-7826-463-5.
48. SILVA, Lucas Melgaço da; CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima (org.). *As voltas da avaliação educacional em múltiplos caminhos*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 425 p. ISBN: 978-85-7826-464-2.
49. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares; MARTINS, Elcimar Simão (org.). *Ensino médio: políticas educacionais, diversidades, contextos locais*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-462-8.
50. NUNES, Maria Lúcia da Silva; TEIXEIRA, Mariana Marques; MACHADO, Charliton José dos Santos; ROCHA, Samuel Rodrigues da (org.). *Eu conto, você conta: leituras e pesquisas (auto)biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2016. 235 p. ISBN: 978-85-7826-506-9.
51. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Diálogos transdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 142 p. ISBN: 978-85-7826-505-2.
51. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra (Org.). *Serviço Social: uma profissão, distintos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 278 p. ISBN: 978-85-7826-478-9.
52. VASCONCELOS, José Gerardo; XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva (org.). *História, memória e narrativas biográficas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 191 p. ISBN: 978-85-7826-538-0.
53. SANTOS, Patrícia Fernanda da Costa; SENA, Flávia Sousa de; GONÇALVES, Luiz Gonzaga; FURTADO, Quezia Vila Flor (org.). *Memórias escolares: quebrando o silêncio...* Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-537-3.
54. CARVALHO, Scarlett O'hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. *O pedagogo na Assistência Social*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 122 p. ISBN: 978-85-7826-536-6.
55. FIALHO, Lia Machado Fiuza; LOPES, Tania Maria Rodrigues (org.). *Docência e formação: percursos e narrativas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 198 p. ISBN: 978-85-7826-551-9.
56. LEITE, Raimundo Hélio; ARAÚJO, Karlane Holanda; SILVA, Lucas Melgaço da (org.). *Avaliação educacional: estudos e práticas institucionais de políticas de eficácia*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 242 p. ISBN: 978-85-7826-554-0.
57. CIASCA, Maria Isabel Filgueiras Lima; SILVA, Lucas Melgaço da; ARAÚJO, Karlane Holanda (org.). *Avaliação da aprendizagem: a pluralidade de práticas e suas implicações na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 380 p. ISBN: 978-85-7826-553-3.
58. SANTOS, Jean Mac Cole Tavares (org.). *Pesquisa em ensino e interdisciplinaridades: aproximações com o contexto escolar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 178 p. ISBN: 978-85-7826-560-01.
59. MATOS, Kelma Socorro Lopes de (org.). *Cultura de paz, educação e espiritualidade IV*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 346 p. ISBN: 978-85-7826-563-2.

60. MUNIZ, Cellina Rodrigues (org.). *Linguagens do riso, práticas discursivas do humor*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 186 p. ISBN: 978-85-7826-555-7.
61. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Talvez em nome do povo... Uma legitimidade peculiar*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-562-5.
62. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *Política, Identidade, Educação e História*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 172 p. ISBN: 978-85-7826-564-9.
63. OLINDA, Ercília Maria Braga de; GOLDBERG, Luciane Germano (org.). *Pesquisa (auto)biográfica em Educação: afetos e (trans)formações*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 445 p. ISBN: 978-85-7826-574-8.
64. MARTINHO RODRIGUES, Rui. *O desafio do conhecimento histórico*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 130 p. ISBN: 978-85-7826-575-5.
65. RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; FAÇANHA, Cristina Soares; COELHO, Tâmara Maria Bezerra Costa (org.). *Costurando histórias: conceitos, cartas e contos*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 182 p. ISBN: 978-85-7826-561-8.
66. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da; SILVA, Jáderson Cavalcante da (org.). *Interface entre Educação, Educação Física e Saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 211 p. ISBN: 978-85-7826-576-2.
67. FARIAS, Isabel Maria Sabino de; JARDILINO, José Rubens Lima; SILVESTRE, Magali Aparecida; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (org.). *Pesquisa em Rede: diálogos de formação em contextos coletivos de conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 171 p. ISBN: 978-85-7826-577-9.
68. MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; RIBEIRO, Ana Paula de Medeiros; MARQUES, Cláudio de Albuquerque (Autores). *Implantação e atuação do Sistema de Monitoramento e avaliação do Programa Seguro-Desemprego: estudo de caso*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 340 p. ISBN: 978-85-7826-591-5.
69. XAVIER, Antônio Roberto; FERREIRA, Tereza Maria da Silva; MATOS, Camila Saraiva de (org.). *Pesquisas educacionais: abordagens teórico-metodológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 271 p. ISBN: 978-85-7826-602-8.
70. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; COSTA, Hercilene Maria e Silva (org.). *Entrelugares: Tecidos Sociopoéticos em Revista*. Fortaleza: EdUECE, 2017. 273 p. ISBN: 978-85-7826-628-8.
71. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazaninha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-637-0.
72. MACHADO, Maria do Livramento da Silva (org.). *Jovens bailarinas de Vazaninha: conceitos de corpo nos entrelaces afroancestrais da dança na educação*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 337 p. ISBN: 978-85-7826-638-7 (E-book).
73. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-639-4.
74. SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. *Jovens circenses na corda bamba: confetos sobre o riso e o corpo na educação em movimento*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 227 p. ISBN: 978-85-7826-640-0 (E-book).
75. SILVA, Kricia de Sousa. *"Manobras" sociopoéticas: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-641-7.

76. SILVA, Kricia de Sousa. “*Manobras*” *sociopoéticas*: aprendendo em movimento com skatistas do litoral do Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 224 p. ISBN: 978-85-7826-636-3 (E-book).
77. VIEIRA, Maria Dolores dos Santos. *Entre acordes das relações de gênero*: a Orquestra Jovem da Escola “Padre Luis de Castro Brasileiro” em União-Piauí. Fortaleza: EdUECE, 2018. 247 p. ISBN: 978-85-7826-647-9.
78. XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo (Autores). *História, memória e educação*: aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018. 193 p. ISBN: 978-85-7826-648-6.
79. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-654-7.
80. MACHADO, Charliton José dos Santos (org.). *Desafios da escrita biográfica*: experiências de pesquisas. Fortaleza: EdUECE, 2018. 237 p. ISBN: 978-85-7826-653-0 (E-book).
81. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-651-6.
82. OLIVEIRA, Mayara Danyelle Rodrigues de. *Rabiscos rizomáticos sobre alegria na escola*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 210 p. ISBN: 978-85-7826-652-3 (E-book).
83. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias*: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-650-9.
84. SOUZA, Sandro Soares de. *Corpos movediços, vivências libertárias*: a criação de confetos sociopoéticos acerca da autogestão. Fortaleza: EdUECE, 2018. 275 p. ISBN: 978-85-7826-649-3 (E-book).
85. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-664-6.
86. SANTOS, Vanessa Nunes dos. *Sociopoetizando a filosofia de jovens sobre as violências e a relação com a convivência na escola, em Teresina-PI*. Fortaleza: EdUECE, 2018. 257 p. ISBN: 978-85-7826-662-2 (E-book).
87. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Gênero e cultura*: questões políticas, históricas e educacionais. Fortaleza: EdUECE, 2019. 281 p. ISBN: 978-85-7826-673-8.
88. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas*: estratégias, práticas e desafios. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
89. DAMASCENO, MARIA NOBRE. *Lições da Pedagogia de Jesus*: amor, ensino e justiça. Fortaleza: EdUECE, 2019. 119 p. ISBN: 978-85-7826-689-9.
90. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito*: tradições em diálogo. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-690-5.
91. ADAD, Clara Jane Costa. *Candomblé e Direito*: tradições em diálogo. Fortaleza: EdUECE, 2019. 155 p. ISBN: 978-85-7826-691-2 (E-book).

92. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva (Autores). *Tudo azul com dona Neuza: Poder e Disputa Local em 1968*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 141 p. ISBN: 978-85-7826-670-7.
93. XAVIER, Antônio Roberto; MALUF, Sâmia Nagib; CYSNE, Maria do Rosário de Fátima Portela (org.). *Gestão e políticas públicas: estratégias, práticas e desafios*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 197 p. ISBN: 978-85-7826-671-4 (E-book).
94. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-702-5.
95. GAMA, Marta. *Entrelugares de direito e arte: experiência artística e criação na formação do jurista*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 445 p. ISBN: 978-85-7826-703-2 (E-book).
96. LEITINHO, Meirecele Calíope; DIAS, Ana Maria Iorio (org.). *Discutindo o pensamento curricular: processos formativos*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 203 p. ISBN: 978-85-7826-701-8.
97. BEZERRA, Milena de Holanda Oliveira; GADELHA, Raimunda Rosilene Magalhães; CARNEIRO, Stânia Nágila Vasconcelos; FERREIRA, Paulo Jorge de Oliveira (org.). *Educação e saúde: vivendo e trocando experiências no Programa de Educação pelo Trabalho (PET)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 233 p. ISBN: 978-85-7826-713-1 (E-book).
98. SUCUPIRA, Tânia Gorayeb; VASCONCELOS, José Gerardo; FIALHO; Lia Machado Fiuza. *Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 151 p. ISBN: 978-85-7826-687-5.
99. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Debates em História da Educação e Formação de Professores: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 300 p. ISBN: 978-85-7826-724-7 (E-book).
100. BRANDENBURG, Cristine; SILVA, Jocyana Cavalcante da (org.). *Práticas de ensino: semeando produções científicas parceiras*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 179 p. ISBN: 978-85-7826-725-4.
101. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; SANTANA, Ajanayr Michelly Sobral (org.). *Exercício da escrita (auto)biográfica*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 398 p. ISBN: 978-85-7826-723-0 (E-book).
102. SILVA; Adryel Vieira Caetano da; NASCIMENTO; Jordana Marjorie Barbosa do; VIEIRA, Livia Moreira Lima; LOPES, Thaynara Ferreira; CARVALHO, Rhanna Emanuela Fontenele Lima de (org.). *25 Anos de PET Enfermagem: uma trajetória de pesquisa, conhecimento e promoção de saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 215 p. ISBN: 978-85-7826-745-2 (E-book).
103. SILVA, Maria do Socorro Borges da. *De “mulher-maravilha” a “cidadão persi”*: professoras capulana do educar em direitos humanos. Fortaleza: EdUECE, 2019. 109 p. ISBN: 978-85-7826-753-7.
104. COSTA, Hercilene Maria e Silva; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (org.). *Círculo de cultura sociopoético: diálogos com Paulo Freire sempre!*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 190 p. ISBN: 978-85-7826-741-4 (E-book).
105. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p.

106. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-774-2.
107. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; MACIEL, Maria José Camelo; OLIVEIRA, Antonio Marcone de (org.). *Pedagogia do trabalho: a atuação do pedagogo na educação profissional*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 214 p. ISBN: 978-85-7826-775-9 (E-book).
108. LEITE, Luciana de Lima Lopes. *Ocupar é reexistir! Práticas artísticas como tática de resistência nas ocupações do coletivo ocupArthe, em Teresina (2014)*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 266 p. ISBN: 978-85-7826-779-7 (E-book).
109. GOMES, Wagner. *Ensino de História e interdisciplinaridade: reflexões epistemológicas*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 185 p. ISBN: 979-65-86445-00-8. (E-book).
110. MELO, Deywid Wagner de; MOTA, Maria Danielle Araújo; MAKIYAMA, Simone (org.). *Letramentos e suas múltiplas faces: experiências do PIBID na UFAL*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 458 p. ISBN: 978-65-86445-05-3. (E-book).
111. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenias Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 411 p. ISBN: 978-65-86445-01-5.
112. NUNES, Maria Lúcia da Silva (org.). *Paisagens da história da educação: memórias, imprensa e literatura*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 216 p. ISBN: 978-65-86445-07-7.
113. MORAES, Ana Cristina de; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Arte, docência e práticas educativas: experiências e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 656 p. ISBN: 978-65-86445-25-1. (E-book).
114. SILVA, Maria do Socorro Borges da; FARIAS, Emerson de Souza. *Educação e direitos humanos de crianças e adolescentes*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 110 p. ISBN: 978-65-86445-29-9 (E-book).
115. VIANA, Patrícia Ferreira de Sousa; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. *A sociopoética como inovação metodológica na pesquisa em saúde bucal coletiva, com jovens em formação*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 186 p. ISBN: 978-65-86445-34-3. (E-book).
116. OLINDA, Ercília Maria Braga de; PAZ, Renata Marinho (org.). *Narrativas autobiográficas e religiosidade*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 421 p. ISBN: 978-65-86445-43-5. (E-book).
117. ARAÚJO, Conceição de Maria Sousa. *Ensinar e aprender filosofia numa perspectiva ética*. Fortaleza: EdUECE, 2020. 236 p. ISBN: 978-65-86445-48-0. (E-book).
118. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-55-8 (E-book).
119. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lúcia da Silva; LACET, Juliana Aparecida Lemos. *Maria Camélia Pessoa da Costa: educação como missão de vida*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 216 p. ISBN: 978-65-86445-51-0.

120. ADAD, Shara Jane Holanda Costa; LIMA, Joana D'arc de Sousa; BRITO, Antônia Edna. *Práticas educativas: múltiplas experiências em educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 558 p. ISBN: 978-65-86445-62-6 (E-book).
121. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Formação e experiências docentes: práticas pedagógicas em diferentes contextos e cenários: perspectivas da educação contemporânea*. Fortaleza: EdUECE, 2019. 475 p. ISBN: 978-65-86445-70-1 (E-book).
122. CARVALHO, Maria Vilani Cosme de; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de (Org.). *Psicologia da educação: teorias do desenvolvimento e da aprendizagem em discussão*. 3. ed. Fortaleza: EdUECE, 2021. 277 p. ISBN: 978-65-86445-69-5. (E-book).
123. SILVA, Hebelyanne Pimentel da. *Uma década de prosa: impressos e impressões da professora e jornalista Maria Mariá (1953-1959)*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 289 p. ISBN: 978-65-86445-71-8. (E-book).
124. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-79-4. (E-book).
125. LIMA, Caciano Silva. *Sociopoética no Brasil: uma pesquisa com Educadores Museais*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 193 p. ISBN: 978-65-86445-80-0.
126. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-88-6.
127. AMARAL, Maria Gerlaine Belchior; SEVERO, José Leonardo Rolim de Lima; ARAÚJO, Talita Medeiros de (Org.). *Pedagogia jurídica no Brasil: questões teóricas e práticas de um campo em construção*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 453 p. ISBN: 978-65-86445-89-3 (E-book).
128. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 166 p. ISBN: 978-65-86445-95-4. (E-book).
129. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-65-86445-98-5. (E-book).
130. SOUZA, Antoniele Silvana de Melo; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Donêta Leite: biografia de uma educadora religiosa*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 207 p. ISBN: 978-65-86445-96-1 (E-book).
131. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenias Sobral do; CAMELO, Renata Albuquerque (Org.). *Instrumentos e técnicas do Serviço Social: desafios cotidianos para uma instrumentalidade mediada*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 411 p. ISBN: 978-65-86445-97-8. (E-book).
132. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educacional: tecituras colaborativas na pós-graduação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-65-86445-99-2.

133. SILVA, Gustavo Augusto Fonseca. *Por uma educação linguística libertadora: os estudos gramaticais no ensino básico à luz da pedagogia de Paulo Freire*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. Isbn: 978-85-7826-788-9 (E-book).
134. FREIRE, Vitória Cherida Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Maria Luiza Fontenele: formação educacional e política*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 212 p. ISBN: 978-85-7826-790-2 (E-book).
135. XAVIER, Antônio Roberto; KANIKADAN, Andrea Yumi Sugishita; SOUSA, José Weyne de Freitas (org.). *Planejamento, políticas públicas e gestão sustentável: demandas sociais contemporâneas*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 176 p. ISBN: 978-85-7826-787-2 (E-book).
136. XAVIER, Antônio Roberto; SANTOS, José Cleilson de Paiva dos; SILVA, Ana Maria Alves da (org.). *Saberes tradicionais, políticas e ações sustentáveis: múltiplos atores, diversas abordagens*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 229 p. ISBN: 978-85-7826-786-5 (E-book).
137. SANTOS, Francisca Mayane Benvindo dos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; SALES, José Albio Moreira de. *Maria Socorro Lucena Lima: educadora cearense referência na formação de professores*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 183 p. ISBN: 978-85-7826-796-4.
138. CARVALHO, Scarlett O'Hara Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Irmã Maria Montenegro: uma vida dedicada à educação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 164 p. ISBN: 978-85-7826-795-7.
139. GAUTHIER, Jacques; AMARAL, Augusto Luís Medeiros; AMARAL, Raquel Ávila; ARAÚJO, Natan; GAUTHIER, Maria do Rosário da Soledade; STEIN, Yanée Maudia. *A borboleta cuidamor ambiental: uma pesquisa sociopoética herética com medicinas indígenas e leitura de inspiração guarani dos dados de pesquisa*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 248 p. ISBN: 978-85-7826-792-6 (E-book).
140. MACIEL, Jocyana Cavalcante da Silva; BRANDENBURG, Cristine; BARON, Miriam Viviane. *Caminhos para o protagonismo em seus espaços da educação e saúde*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 172 p. ISBN: 978-85-7826-799-5.
141. VIEIRA, Arlindo Mendes; MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; FREIRE, Jacqueline Cunha da Serra; LIMA, Maria Socorro Lucena; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Tecituras decoloniais da formação de professores: incertezas, desafios e lutas*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 258 p. ISBN: 978-85-7826-812-1 (E-book).
142. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisângela André da Silva; CAVALCANTE, Maria Marina Dias; LIMA, Maria Socorro Lucena (org.). *Pesquisa educacional: tecituras colaborativas na pós-graduação*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 200 p. ISBN: 978-85-7826-803-9 (E-book).
143. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (Org.). *Marcos da constituição da identidade docente: narrativas expressas em cartas pedagógicas*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-817-6. (E-book).
144. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; FALCÃO, Giovana Maria Belém (Org.). *Marcos da constituição da identidade docente: narrativas expressas em cartas pedagógicas*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 194 p. ISBN: 978-85-7826-818-3.

145. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-822-0.
146. RIBEIRO, Rosa Maria Barros; SILVA, Samia Paula dos Santos; MEDEIROS, Jarles Lopes de; MATIAS, Emanuela Ferreira; FERNANDES, Maria de Lourdes Carvalho Nunes (org.). *Ética, educação e diversidade*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 356 p. ISBN: 978-85-7826-821-3. (E-book).
147. RIBEIRO, Luís Távora Furtado; SILVA, Samara Mendes Araújo; CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Perspectivas sobre formação docente: experiências contemporâneas e contextos curriculares*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 270 p. ISBN: 978-85-7826-826-8 (E-book).
148. MACIEL, Maria Jose Camelo; LIMA, Jaqueline Rabelo de; VARELA, Sarah Bezerra Luna; CARVALHO, Marília Nogueira. *Prática docente no ensino superior: bases, relatos e memórias da formação*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 574 p. ISBN: 978-85-7826-823-7 (E-book).
149. PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; MACHADO, Charliton José dos Santos; BATISTA, Eraldo Leme; MÜLLER, Meire Terezinha (org.). *Educação e trabalho na paraíba*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 311 p. ISBN: 978-85-7826-830-5. (E-book).
150. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-841-1 (E-book).
151. PONCE, Hugo Heredia; RODRÍGUEZ, Susana Sánchez; PINO, Michel Santiago del; RUÍZ, María Remedios Fernández (org.). *Formación docente y educación lingüística*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 318 p. ISBN: 978-85-7826-839-8.
152. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4 (E-book).
153. COLLANTES, Milagrosa Parrado; JURADO, Paula Rivera; IBÁÑEZ, Ester Trigo; PÉREZ, Celia Sanz. *Formación docente y educación literaria*. Fortaleza: EdUECE, 2021. 348 p. ISBN: 978-85-7826-837-4.
154. MOREIRA, Francisca de Assis Viana; LOPES, Tania Maria Rodrigues; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação a distância e a formação em pedagogia: Experiências da universidade estadual do ceará*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 323 p. ISBN: 978-85-7826-838-1 (E-book).
155. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura; MORAES, Ana Cristina de; RODRIGUES, Cicera Sineide Dantas (org.). *Docência(s): experiências e sentidos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 240 p. ISBN: 978-85-7826-843-5 (E-book).
156. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; MOREIRA, Eugenio Eduardo Pimentel; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Ensino e pesquisa na pós-graduação: teoria, prática e práxis*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 350 p. ISBN: 978-85-7826-849-7. (E-book).

157. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 469 p. ISBN: 978-85-7826-851-0.
158. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 292 p. ISBN: 978-85-7826-853-4. (E-book).
159. XAVIER, Antônio Roberto; MUNIZ, Karla Renata de Aguiar; OLIVEIRA, Lucineide de Abreu (org.). *Covid-19, políticas públicas e sustentabilidade: desafios à ciência e aos recursos tecnológicos*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 254 p. ISBN: 978-85-7826-858-9. (E-book).
160. BESERRA, Raquel Carine Martins; KACZAN, Maria Anita Vieira Lustosa; MEDEIROS, Jarles Lopes de (org.). *Educação em tempos de pandemia*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 258 p. ISBN: 978-85-7826-863-3. (E-book).
161. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-859-6.
162. FIDELIS, Cid Nogueira. *Cinematografia indígena: a experiência social sob o foco da cultura Guarani-Kaiowá*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 237 p. ISBN: 978-85-7826-860-2. (E-book).
163. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; FUSARI, José Cerchi; ALMEIDA, Maria Isabel de; PIMENTA, Selma Garrido (org.). *Retratos da escola pública brasileira em tempos neoliberais*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 261 p. ISBN: 978-85-7826-869-5. (E-book).
164. FALCÃO, Giovana Maria Belém; SANTOS, Aurea Lucia Cruz dos; FERNANDES, Andréia Matias (org.). *Educação inclusiva em diálogos: tessituras sobre formação e experiências docentes*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 292 p. ISBN: 978-85-7826-871-8.
165. MORAES, Ana Cristina de; LIMA, Izabel Cristina Soares da Silva; QUEIROZ, Juliane Gonçalves (org.). *Cultura(s), educação e arte nos caminhos da (auto)formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-872-5. (E-book).
166. COSTA, Maria Aparecida Alves da; FIALHO, Lia Machado Fiuza (autoras). *Maria Cinobelina Elvas: docência na Escola Normal (1981-1988)*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 285 p. ISBN: 978-85-7826-879-4. (E-book).
167. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-877-0.
168. HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira; GOSSELIN, Anne-Sophie Marie Frédérique (org.). *Mulheres na ciência: diálogos sobre gênero e diversidade nas escolas e na universidade*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 576 p. ISBN: 978-85-7826-878-7. (E-book).
169. ALVES, Maria Alda de Sousa; ANDRADE, Michely Peres de; OLIVEIRA, Anderson Souza (org.). *Narrativas e práticas de ensino em Ciências Sociais: diálogos com a pesquisa e a extensão*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 290 p. ISBN: 978-85-7826-883-1. (E-book).

170. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Mobile collaborative learning e a prática docente com o suporte de tecnologias móveis*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 312 p. ISBN: 978-85-7826-886-2. (E-book).
171. NASCIMENTO, Karla Angélica Silva do. *Software educativo livre para o ensino de Geometria*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 228 p. ISBN: 978-85-7826-884-8. (E-book).
172. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-887-9.
173. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira. *Literatura de cordel em impulsos criativos na formação docente*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 148 p. ISBN: 978-85-7826-885-5. (E-book).
174. ALVES, Danielle Coelho; VALE, Erlenia Sobral do; ALEXANDRE, Tainara (org.). *Serviço social, instrumentalidade e movimentos sociais*. Fortaleza: EdUECE, 2022. 470 P. ISBN: 978-85-7826-890-9. (E-book).
175. MACHADO, Charliton José dos Santos; NUNES, Maria Lucia da Silva (org.). *Educação e educadoras na Paraíba do século XX: um balanço da produção acadêmica*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 257 p. ISBN: 978-85-7826-896-1. (E-book).
176. FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Biografias e histórias da formação de mulheres educadoras*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 347 p. ISBN: 978-85-7826-894-7. (E-book).
177. XAVIER, Antônio Roberto; LEMOS, Ana Beatriz da Silva; LIMA, Maria Vândia Guedes (org.). *Sociobiodiversidade, tecnologias sustentáveis e educação ambiental no contexto da lusofonia afro-brasileira*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 327 p. ISBN: 978-85-7826-901-2. (E-book).
178. MARTINS, Elcimar Simão; COSTA, Elisangela André da Silva; ALMEIDA, Emanuel Rodrigues; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva; ALMEIDA, Sinara Mota Neves de (org.). *Formação docente, práticas educativas (decoloniais) e avaliação: múltiplos olhares*. Fortaleza: EdUECE, 2023. 375 p. ISBN: 978-85-7826-902-9. (E-book).
179. MORAES, Ana Cristina de; MACEDO, Eloilma Moura Siqueira (org.). *Formação docente e (auto)biografias*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 393 p. ISBN: 978-85-7826-921-0. (E-book).
180. LOPES, Aline Siebra Fonteles; ARAUJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues; CAVALCANTE, Sueli Maria de Araújo. *Ações de ensino, pesquisa e extensão direcionadas a pessoas privadas de liberdade em instituições federais de educação superior*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-913-5. (E-book).
181. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Alexandra Lima da; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro; FIALHO, Lia Machado Fiuza; PATROCLO, Luciana Borges; DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez; PEIXOTO, Raphael Gualter (Org.). *Mulheres e educação no século XIX: artefatos e sensibilidades*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-937-1. (E-book).
182. Damasceno, Maria Nobre. *Emoções que invadem a alma: aprendendo com o mundo*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 152 p. ISBN: 978-85-7826-947-0.
183. VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Alexandra Lima da; FRANCISCO, Ana Cristina Borges López Monteiro; FIALHO, Lia Machado Fiuza; PA-

- TROCLO, Luciana Borges; DOMÍNGUEZ, Pablo Álvarez; PEIXOTO, Raphael Gualter (Org.). *Mulheres e educação no século XIX: artefatos e sensibilidades*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 215 p. ISBN: 978-85-7826-940-1.
184. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 572 p. ISBN: 978-85-7826-955-5.
 185. CASTRO, Francisco Mirtiel Frankson Moura (org.). *Memórias lúdicas e formação de professores: inter-relações e aprendizagens*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 572 p. ISBN: 978-85-7826-953-1. (E-book).
 186. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; SILVA, Emanuel Freitas da (org.). *Políticas públicas e internacionalização do conhecimento*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 253 p. ISBN: 978-85-7826-957-9. (E-book).
 187. ANDRADE, Francisca Rejane Bezerra; ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues (org.). *Educação e serviço social: debates contemporâneos*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 320 p. ISBN: 978-85-7826-985-2. (E-book).
 188. XAVIER, Antônio Roberto; MAIA JUNIOR, Edmilson Alves. *60 anos do golpe militar no Brasil e o populismo autoritário de extrema direita: desafios à educação política para uma democracia sustentável no alvorecer do século XXI*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 192 p. ISBN: 978-85-7826-987-6. (E-book).
 189. XAVIER, Antônio Roberto; FONSECA, Aluísio Marques da; PIMENTEL, Maria Samilli Paulo Gomes (org.). *Tecnologias sustentáveis, educação ambiental e sustentabilidade: pesquisas interdisciplinares*. Fortaleza: EdUECE, 2024. 357p. ISBN: 978-85-7826-988-3. (E-book).
 190. SILVA, Wanderson Diogo Andrade da; GOMES, Suzana os Santos; PONTES, Rosana Aparecida Ferreira (org.). *Didática e docência em diferentes textos e contextos*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 223p. ISBN: 978-85-7826-995-1. (E-book).
 191. SALES, José Albio Moreira de; TAVARES, Mirian Nogueira (org.). *Investigação em arte, ensino e experiências transcontinentais*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 295 p. ISBN: 978-85-7826-996-8. (E-book).
 192. FREIRE, Vitória Chérída Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Trajetórias investigativas: os caminhos teóricos e metodológicos da biografia de Luiza Teodoro Vieira*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 102 p. ISBN: 978-65-83910-12-7. (E-book).
 193. FREIRE, Vitória Chérída Costa; FIALHO, Lia Machado Fiuza. *Trajetórias investigativas: os caminhos teóricos e metodológicos da biografia de Luiza Teodoro Vieira*. Fortaleza: EdUECE, 2025. 102 p. ISBN: 978-65-83910-12-7. (E-book).